



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDEO NUNES DE BARROS

THALIA MARIA DO NASCIMENTO CARVALHO

O PERCURSO DOS VIAJANTES NATURALISTAS SPIX E MARTIUS:
Uma História Ambiental do Piauí, Maranhão e Pará em meados de 1817 a 1820.

PICOS – PIAUÍ

2019

THALIA MARIA DO NASCIMENTO CARVALHO

O PERCURSO DOS VIAJANTES NATURALISTAS SPIX E MARTIUS:
Uma História Ambiental do Piauí, Maranhão e Pará em meados de 1817 a 1820.

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campos Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Professor Doutor Mairton Celestino da Silva.

PICOS-PIAUI

2019

THALIA MARIA DO NASCIMENTO CARVALHO

O PERCURSO DOS VIAJANTES NATURALISTAS SPIX E MARTIUS:

Uma História Ambiental do Piauí, Maranhão e Pará em meados de 1817 a 1820.

Aprovado em 13/12/2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Piauí – CSHNB



Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro (Examinador)
Universidade Federal do Piauí – CSHNB



Prof. Ms José Lins Duarte (Examinador)
Universidade Federal do Piauí - CSHNB

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

C331p Carvalho, Thalia Maria do Nascimento
O percurso dos viajantes naturalistas SPIX E MARTIUS: uma história ambiental do Piauí, Maranhão e Pará em meados de 1817 a 1820 / Thalia Maria do Nascimento Carvalho – 2021.

Texto digitado
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHNB
Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Dr. Mairton Celestino da Silva”

1. História Ambiental. 2. Etnia. 3. Naturalismo. I. Silva, Mairton Celestino da. II. Título

CDD 981.22



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos treze (13) dias do mês de dezembro de 2019, na sala de reuniões de CSHNB, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **THALIA MARIA DO NASCIMENTO CARVALHO** sob o título **O percurso dos viajantes naturalista Spix e Martius: uma historia ambiental do Piaui, Maranha2o e Pará em meados de 1817-1820.**

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva
Examinador 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador 2: Prof. Msc. José Lins Duarte

Deliberou pela do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,5.

Picos (PI), 13 de dezembro de 2019

Orientador (a):

Examinador (a) 1:

Examinador (a) 2:

AGRADECIMENTOS

O processo da produção de uma monografia não se desenvolve sozinha. Nessa está envolvido orientador (a), professores, instituições, família, amigos. Dessa forma, é com grande alegria que venho aqui expressar minha gratidão a todos aqueles que a seu modo contribuíram para a concretização desse trabalho. Primeiramente, agradeço a Deus, pois sem o seu amor e proteção não teria chegado até aqui. Pai, obrigada, sem ti eu nada sou!

Em segundo lugar agradeço a minha família, em especial a minha querida mãe, por não medir esforços para que eu concretizasse esse grande sonho que é me formar, por caminhar junto comigo. Mãe, obrigada por todo apoio e amor, Te Amo! A meu pai, o qual amo muito, onde agradeço por todo suporte durante esses 4 anos e meio. Aos meus irmãos, Gil e Grasianni, vocês que são meu suporte, a minha felicidade e a razão para que eu continue, a minha eterna gratidão.

Não poderia deixar de citar os meus agradecimentos a Instituição que me acolheu durante esses 4 anos e meio, a Universidade Federal do Piauí Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros, foi por meio dessa que tive a oportunidade de cursar o ensino superior, por ter me qualificado tão bem na minha vida profissional e pessoal e por ter me concedido bolsas, a qual foi muito valiosa, e sem a mesma, seria mais difícil essa caminhada. Foi na UFPI que tive a oportunidade de conhecer pessoas que caminharam junto comigo durante o período da graduação, foram com elas que compartilhei sorrisos, choros e desespero, Carleide, Fernanda e Kércia, vocês foram essenciais nesse percurso, sem vocês eu não conseguiria chegar até onde cheguei. Obrigada, amigas!

Um agradecimento especial também as minhas amigas de infância que ao longo desse percurso estiveram junto comigo, me apoiando e motivando a continuar, Ana Clara, Ariane, Marina e Mariana. Amo vocês! Agradeço também a pessoas maravilhosas que dividiram a vida comigo na cidade de Picos, que me sustentaram nos momentos mais difíceis, que me ouviram e dividiram suas vidas comigo, sem dúvidas a minha segunda família, Denise e Maria Deusa, essas que já estão ao lado do papai do céu, vocês foram essências nesse percurso e serão eternas no meu coração. Obrigada! A Leivane e Geovanna estão juntas comigo desde o ensino infantil.

Seria muita injustiça se esse agradecimento não se estendesse ao Curso de História, pois foi por meio dele e dos docentes maravilhosos, que consegui minha qualificação profissional, onde também me proporcionou me livrar de muitos preconceitos. Foi nele que

tive a oportunidade de participar do núcleo de pesquisa e documentação em História NUPEDOCH, e que por meio desse núcleo, obtive conhecimentos e treinamentos em manusear e digitalizar documentações que servem como fonte história. Foi também pelo NUPEDOCH que obtive uma bolsa de estudos, concedido pelo Professor Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro. Á você professor, meu muito obrigada!

Agradeço também ao RP (Residência Pedagógica) que através da participação nesse programa tive a oportunidade de ganhar uma das minhas primeiras experiências sobre a minha futura e apaixonante profissão lá tive o privilégio de conhecer pessoas maravilhosas e por fim, não menos importante agradeço ao meu professor orientador Mairton Celestino da Silva por todas as contribuições na escrita do meu TCC.

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo realizar uma pesquisa em História Ambiental, analisando o relato dos viajantes naturalistas Johann Baptist Spix e Carl Friedrich Philipp Von Martius nos estados do Piauí, Maranhão e Pará. Desse modo, tomando como ponto de partida o relato de expedição científica Viagem pelo Brasil (1817-1820) do zoólogo Spix e Martius, a pesquisa partirá de uma visão crítica sobre o olhar desses naturalistas sobre a fauna e flora do Piauí, Maranhão e Pará. Partindo dessa ideia, a análise será feita a partir da leitura, catalogação e interpretação desse atlas de viagem dos dois viajantes para compreendermos os assuntos relacionados aos elementos naturais dos estados analisados, ou seja, a pesquisa tem como objetivo fazer o uso de aspectos relacionado à natureza para entendermos a sociedade.

Palavras Chaves: História Ambiental. Etnia. Naturalismo.

ABSTRACT

The main objective of this paper is to conduct a research in Environmental History, analyzing the report of naturalist travelers Johann Baptist Spix and Carl Friedrich Philipp Von Martius in the states of Piauí, Maranhão and Pará. Thus, taking as a starting point the expedition report. Journey through Brazil (1817-1820) by zoologist Spix and Martius, the research will start from a critical view on the view of these naturalists on the fauna and flora of Piauí, Maranhão and Pará. From this idea, the analysis will be based on reading, cataloging and interpreting this travel atlas of the two travelers to understand the subjects related to the natural elements of the analyzed states, that is, the research aims to make use of aspects related to nature to understand society.

Keywords: Environmental History. Ethnicity. Naturalism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Carta cartográfica das províncias do Maranhão e Piauí e parte do Pará, Goyás, Bahia, Pernambuco e Ceará	18
Imagem 2: Juazeiro - rio São Francisco	32
Imagem 3: Piauí	33
Imagem 4: Armas indígenas	36
Imagem 5: Formas vegetais da América tropical	40
Imagem 6: Santa Maria do Belém do Grão Pará.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 - OS VIAJANTES SPIX E MARTIUS NO BRASIL E UMA HISTÓRIA AMBIENTAL	12
1.1 Discussão sobre o contexto histórico de Spix Martius	12
1.2 Trajetória de Spix e Martius pelo Piauí, Maranhão e Pará	16
1.3 Uma História Ambiental	22
CAPÍTULO 2 - “VIAGEM PELO BRASIL”: ANALISANDO O RELATO E AS IMAGENS PRODUZIDAS PELO VIAJANTE MARTIUS	27
2.1 As imagens produzidas pelos viajantes naturalistas	27
2.2 Uma análise sobre o Piauí	32
2.3 Análise sobre o Maranhão	37
2.4 Análise sobre o Pará	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
FONTE	43
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	43

INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir tem como intuito o de realizar uma visão crítica sobre o olhar do Spix e Martius a respeito da fauna, flora e etnias no atlas intitulado Viagem pelo Brasil (1817-1820), para compreendermos a sociedade dos estados do Piauí, Maranhão e Pará no período oitocentista. A pesquisa tem por objetivo verificar como os assuntos foram catalogados e sistematizados, levando em consideração que os viajantes necessitavam da intervenção dos indivíduos que formavam aquela sociedade, como os nativos e escravos, visto que eles conheciam pouco a região. Chamou-nos a atenção observar a sociedade por meio desses dois viajantes, pelo motivo dessas produções das expedições realizadas por eles por serem ricas em vários assuntos, como observações sobre os elementos naturais, sobretudo as populações negras e indígenas, alimentação, sem contar a variedade de imagens que temos a possibilidade de analisá-las. Desse modo, a escolha do tema proposto ocorreu ainda quando em 2017 tive a oportunidade de participar de um grande projeto de pesquisa e extensão chamado NUPEDOCH¹, na ocasião o professor doutor e um dos coordenadores do Núcleo, Mairton Celestino da Silva, chegou com a proposta de realizar essa pesquisa, que estaria voltada para um véis de uma História Ambiental, analisando viajantes que percorreram o Brasil no século XVIII, logo de início me interessei pelo tema, justamente por ser algo novo para mim e por ser um tema ainda pouco explorado pela historiografia. Assim sendo, a pesquisa irá nos permitir por meio da interpretação desse atlas de viagem entender como a sociedade se constituía nos estados do Piauí, Maranhão e Pará no século XIX, principalmente no que se refere ao recorte temporal de 1817-1820.

A investigação sobre esse tema surgiu de início da necessidade de entender a História Ambiental como uma área de pesquisa, na qual permite reconstituir as interações entre Homem-Natureza ao longo dos tempos. De acordo com Gil Karlos Ferri² (2007), “a História Ambiental vai procurar repensar as interações entre os sistemas sociais e naturais, considerando as consequências dessas relações ao longo do tempo. Deste modo, extrapolando as fronteiras geopolíticas, a história se ocuparia em compreender a própria terra, notando os seus usos e significados para os seres humanos”.

¹ O NUPEDOCH encontra-se localizado na Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros, e é um espaço para a realização de atividades de conservação, catalogação e digitalização de documentos eclesiásticos referentes às Igrejas e paróquias do Piauí, como também documentos psiquiátricos do Sanatório Meduna localizado em Teresina. O Núcleo é Coordenado por alguns professores de História, como o Gleison, Lins, Agostinho e Mairton.

² FERRI, Gil Karlos. História Ambiental: historiografia comprometida com a vida. *Revista Café História*, 2007.

Uma das questões que mais me instigaram a realizar essa linha de pesquisa (História Ambiental) se explica por ela ser ainda pouco explorada por historiadores, principalmente ao que se refere aos historiadores nordestinos e, também, porque as produções historiográficas a partir dessas expedições científicas realizadas por viajantes, serem escassas. Assim, o interesse do estudo se justifica principalmente pela relevância das questões ambientais como um meio para entendermos a sociedade. O trabalho se faz de grande importância por dá enfoque a uma dimensão pouco discutida, pois ainda são raros os trabalhos dedicados ao viés ambiental e no que se refere as pesquisas realizadas nas regiões apresentadas nesse estudo.

Será possível, com o relato dos viajantes Naturalista Spix e Martius, a partir de suas narrativas e percepções no século XIX, compreender aspectos naturais das regiões em análise, assim como, de habitantes e de relações socioculturais do Piauí, Maranhão e Pará. Levaremos em conta no desenvolvimento da nossa pesquisa que é um olhar do estrangeiro sobre o Brasil, dotados de preconceitos, à vista disso, será averiguado por meio do Atlas de viagem com criticidade.

Os viajantes europeus elaboraram e produziram obras com uma variedade de assuntos relacionados a aspectos naturais, imagens que tinham o objetivo de retratar o mais fiel possível o cenário brasileiro, são diversos os relatos sobre observações relacionadas a fauna, flora e etnias. Pelo olhar desses viajantes, que tinha o objetivo de descrever tudo o que se via tal qual como era, será permitida a constituição do cenário de uma sociedade. A extensa expedição realizada pelos viajantes naturalistas Spix e Martius representam importantes contribuições para o entendimento e compreensão do nosso próprio território, assim como a dinâmica ambiental da paisagem, de costumes indígenas, entre outros. A partir das descrições de vários fenômenos pretendemos construir uma história do século XIX, principalmente do recorte temporal dos de 1817-1820 sendo esses os anos em que os viajantes Spix e Martius percorreram o Brasil concebendo seus relatos.

Sobre a viagem de ambos viajantes e a obra *Viagem pelo Brasil*, José Rodolfo Moreira (2011) afirma:

A narrativa deriva das observações que fizeram os naturalistas em todo seu périplo, entusiasmada pelo espírito iluminista. Spix, como zoólogo, viria designado não só a investigação do reino animal, mas também de tudo que proferia respeito ao homem. Deveria ele observar, “o seu estado físico e espiritual, etc.; a morfologia de todas as espécies de animais, os seus hábitos e instintos, a sua propagação e migrações [...]” (Spix & Martius, 1968, vol. I, p. 22) Martius, como botânico, ficou responsável pelo estudo da flora tropical e de suas formas, preferencialmente para as plantas de origem autóctone. Necessitaria ainda, através de identificações, tentar situar a origem das plantas, apurando também as semelhanças dos clima e a geologia de cada localidade.

Ao todo, a coleção de Spix e Martius contou 85 espécies de mamíferos, 350 de pássaros, 130 de anfíbios, 116 de peixes, 2700 de insetos, 80 de aracnídeos, 80 de

crustáceos, e 6500 espécies de plantas, compondo um herbário de 20.000 exemplares. Ainda levaram para a Europa centenas de plantas e alguns animais vivos, dois índios, número os minerais e muitos objetos etnográficos.³

É importante ressaltar que os viajantes naturalistas observaram e relataram tanto aspectos naturais, como a fauna e flora, quanto os fatos relacionados aos hábitos da sociedade. Através da referida citação, percebemos o quanto as viagens desses dois serviram para constituírem uma rica pesquisa sobre a fauna e flora brasileira, ao qual totalizaram 20.000 exemplares de espécies que se dividam entre animais e plantas.

A principal fonte de pesquisa para o nosso trabalho é o atlas *Viagem Pelo Brasil 1817-1820*, analisaremos o II volume da obra, como já enfatizado anteriormente. Iremos trabalhar com uma versão traduzida para o português. Procuramos dialogar com vários textos que nos servirá de base teórica para fundamentação da nossa temática em análise, buscando informações acerca do tema questionado em livros, bibliotecas online, revistas e artigos. A nossa pesquisa vai resultar das análises e problematização que os dois viajantes fizeram em toda a viagem, e foi publicada no decorrer de nove anos. Em 1823, logo após retornarem publicaram o primeiro volume, os próximos saíram em 1828 e 1831, sob responsabilidade de Martius, logo que Spix faleceu. A documentação concernente ao indígena e a natureza incorporada ao atlas é de singular riqueza e beleza. Assim, o que propomos trabalhar diz respeito à uma análise minuciosa, sistematizada, catalogada e interpretada pelo atlas de *Viagem pelo Brasil entre 1817-1820*.

Depois de relatar como cheguei ao tema da pesquisa, apresentar as fontes e metodologia utilizada é hora de informar ao leitor como será dividida. No primeiro momento será apresentado o contexto histórico da primeira metade do século XIX em que os dois viajantes naturalistas Spix e Martius estavam inseridos, procurando identificar os motivos que os levaram a essas viagens. Após essa discussão pretende-se analisar a trajetória dos mesmos pelos estados do Piauí, Maranhão até chegar ao Pará. Em seguida, realizaremos uma breve discussão historiográfica sobre a História Ambiental, como um processo metodológico e analítico, identificando algumas pesquisas a partir desse véis, que servirá de reflexão sobre o tema.

No segundo capítulo, a pesquisa partirá do desenvolvimento de uma análise problemática das imagens e do relato do atlas. O intuito principal nessa parte da pesquisa será a realização de uma análise crítica sobre a *Atlas Viagem Pelo Brasil*, das imagens de natureza,

³ MONTEIRO, José Rodolfo. O atlas de viagem de Spix e Martius. *Anais do XXVI simpósio de História – ANPUH*. São Paulo, Julho, p. 4-5, 2011.

produzidas pelos viajantes em estudo, fazendo um paralelo com o texto escrito. Assim, com o estudo das imagens e do texto escrito será possível compreender como nossas terras, nossos costumes e nossos povos eram compreendidos por esses viajantes europeus que se aventuraram além-mar.

CAPÍTULO 1 – OS VIAJANTES SPIX E MARTIUS NO BRASIL E UMA HISTÓRIA AMBIENTAL

1.1 Discussão sobre o contexto histórico de Spix Martius

Iremos abordar nessa parte da pesquisa o contexto histórico em que os viajantes naturalistas Spix e Martius estavam inseridos, desde a abertura dos portos em 1808, chegada deles no Brasil, e a viagem para o Brasil adentro. A instalação da coroa portuguesa no país e a abertura dos portos trouxe consigo uma série de mudanças na esfera social, cultural e até física da cidade, principalmente a do Rio de Janeiro onde o rei se instalou. Antes de pontuarmos as séries de mudanças faz-se necessário entender o motivo que levou a transferência da corte para a colônia. Paulo Paranhos (2001) no artigo, A Transferência da Corte Portuguesa: o Brasil se moderna pontua que há uma divergência na historiografia sobre tais motivos “Para um ramo da historiografia, decisão de mudança foi previamente analisada pela corte, expressando-se em manifestação de vontade política-administrativa que iria redundar em êxito para a dinastia de Bragança”⁴ já para outra os motivos estão relacionado a “(...) uma fuga precipitada, gerando um total desregramento político-administrativo para o Reino que, mesmo sob proteção britânica, não se arvorou em se defender de uma invasão napoleônica.”⁵

O fato é que com a transferência da coroa, medidas como a abertura dos portos foram tomadas, essas por sua vez, trouxeram umas séries de mudanças sociais, culturais e até arquitetônicas.

“Está época a cidade assume seu papel dominante em termos políticos e comerciais, com o incremento da atividade portuária aliado a melhorias urbanas, decorrente de ações do poder público, como abertura e conservação de ruas, desmonte de morros, aterramentos, construção de palácios e monumentos.”⁶

⁴ PARANHOS, Paulo. A transferência da corte portuguesa: o brasil se moderniza. *Revista da ASBRAP*. Disponível em: http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev8_art3.pdf. N.º. 8, p. 85, 2001.

⁵ IBID, p. 85.

⁶ GODOY, Vanessa Ferraz; SILVA, Alessandra Ferraz Godoy da; MENEZES, Paulo Márcio Leal de. Cartografia Histórica e navegação virtual do centro do Rio de Janeiro. *1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*, Rio de Janeiro, 2011.

Outro espaço que sofreu mudança foi a cultura científica do país “[...] para a cultura científica na América, a instalação da Corte no Brasil foi essencial. As providências tomadas a partir de 1808 fortaleceram antigos ambientes e fundaram outros espaços⁷”.

Outra mudança significativa que observamos com a transferência da corte e aberturas dos portos foi no setor econômico “(...) a independência econômica dá seus primeiros passos em 1808 com a abertura dos portos. Este fato é relevante na medida em que viabiliza o Pacto Colonial e congrega a nascente elite local em torno de lucro no comércio com a Inglaterra.”⁸

No que se refere a valorização das ciências Moscato (2017) em sua tese, *O viajante não está só: a cultura científica em memórias sobre o Brasil e as ligações entre naturalistas luso-brasileiros do século XVIII e os viajantes científicas do século XIX*, traz o nome de alguns espaços que foram criados, como a Academia da Marinha, o Museu Nacional, Academia Militar e a Real biblioteca:

No que diz respeito às ciências, tentou-se criar nos trópicos um complexo semelhante ao de Lisboa. D. Rodrigo instituiu a Academia da Marinha com todos os instrumentos, livros, cartas, modelos, planos, máquinas que possuía em Portugal. Em 1808, o Museu Nacional foi fundado com as peças do gabinete de curiosidades de D. João, que mantinha animais espalhados, artefatos indígenas, peças mineralógicas, espécies naturais, gravuras e peças de arte. Em 1810, foi iniciada no Real Horto a aclimação de especiarias e árvores frutíferas como cravo-da-índia, pimenta-do-reino, canela, árvores de cânfora, noz-moscada, mangueiras, frutas do conde, jambeiros e outros mais. Nesse mesmo ano, criou-se a Academia Militar, que divulgou o ensino de história natural, da química, da matemática; e, finalmente, em 1814, a Real Biblioteca abriu suas portas ao público.”⁹

Além disso, esse período foi marcado também, por uma intensa entrada de viajantes, onde realizaram grandes expedições, nas quais tinham como objetivo o de conhecer a fundo a colônia, pelo fato do Brasil naquela época possuir uma das riquezas naturais maiores do mundo. Isso ocorreu pelo fato da propagação de vertentes Iluministas na Europa, pautadas principalmente em ideias como liberdade, igualdade e desenvolvimento científico. Segundo Carrollina Carvalho Ramos de Lima (2010)¹⁰, essas expedições foram decisivas, pois foi

⁷ MOSCATO, Daniela Casoni: *O viajante não está só: a cultura científica em memórias sobre o Brasil e as ligações entre os naturalistas luso-brasileiros do século XVIII e os viajantes científicas do século XIX*. Tese de doutorado UFPR, Curitiba, p. 112, 2017.

⁸ PARANHOS, Paulo. A transferência da corte portuguesa: o brasil se moderniza. *Revista da ASBRAP*. Disponível em: http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev8_art3.pdf. N.º. 8, 2001.

⁹ IBID, pág, 111.

¹⁰ LIMA, Carrollina Carvalho Ramos de. *Os viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)*. Dissertação de mestrado, Faculdade de História, Direito e Serviço Social UNESP, 2010.

realizado um mapeamento da natureza brasileira, difusão das tendências europeias que atingiram as artes e no ensino de ofícios técnicos para os habitantes da capital. Os assuntos relacionados às especificidades naturais, socioeconômicas e histórico-culturais, é o que mais pode ser visto nos relatos desses diplomatas. De acordo com os autores Lucas Monteiro de Araújo e Agenor Sarraf Pacheco, estes profissionais que aqui vieram eram denominados de “viajantes, naturalistas, etnógrafos, geógrafos, botânicos, zoólogos, cronistas, pintores, dentre tantos outros, além dos registros escritos, também realizaram coletas de materiais que viriam a enriquecer coleções de grandes museus enciclopédicos (...)”¹¹.

Lima (2010) em *Os viajantes estrangeiros nos periódicos carioca*, elenca alguns dos viajantes que entre 1816-1821 se aventuraram além-mar, os primeiros estavam inseridos na *Missão Artística Francesa* e dentre eles estavam “(...) Nicolas Antoine Taunay (1755-1830), pintor de paisagem; Jean Baptist Debret (1768-1848, pintor de história; Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850), arquiteto; Auguste Marie Taunay (1768-1824), escultor; Chalés Simon Predier (1768-1848), gravador¹². Esses, por sua vez, de acordo com Lima tinham como principal objetivo organizar uma estrutura educacional voltada para o aperfeiçoamento das artes e dos ofícios. Outro grupo que chegou ao Brasil após a abertura dos portos foi a missão austríaca e tinham como objetivo colecionar espécies e realizar ilustrações de pessoas e paisagem, dentre eles estavam “Johann Chiristof Mikan, botânico e entomólogo, Johann Emanuel Pohl, médico, mineralogista e botânico; Johann Buchberger, pintor de plantas; Thomas Ender, pintor; sem esquecer ainda a presença do naturalista italiano Guiseppe Raddi¹³”. É nessa viagem que está inserida a viagem do zoólogo Johann Baptista Spix e o botânico Karl Friedrich Philip Von.

Carl Friedrich Phillip Von Martius, foi um estudante promissor de medicina, nasceu em 7 de abril de 1794 em Erlangen, na Baviera, falecendo aos 84 anos. Na expedição realizada ao Brasil esse ficou responsável em observar e relatar sobre as plantas “Além de produzir classificações precisas, numerosas herbários e trabalhos em antropologia e história, esse naturalista descreveu com sensibilidade diversas fisionomias vegetais presentes no Brasil¹⁴”.

¹¹ ARAÚJO, Lucas, PACHECO Agenor. A fauna Marajoara em narrativas de viajantes do século XIX. *Illuminuras*, Porto Alegre, V.17, n. 42, p. 248-269, ago/dez, 2016.

¹² LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. **Os viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)**. Dissertação de mestrado, Faculdade de História, Direito e Serviço Social UNESP, p. 15, 2010.

¹³ *Ibid*, pág. 20

¹⁴ KURY, L. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. III (suplemento), p. 866, 2001.

Conheceu Spix em 1812, na ocasião o Spix já era um zoólogo conhecido e nomeado trabalhava na Academia de Ciências de Munique, esse por sua vez nasceu em Hochstadt, em 9 de fevereiro de 1781, ficou responsável pelo investimento tanto da fauna como da sociedade brasileira, como os indígenas, escravos e os outros diversos grupos. Além da obra *Viagem pelo Brasil* que foi publicada em três volumes na Alemanha (Martius produziu obras como *Flora Brasiliensis*, que apresenta 40 volumes que foram publicados durante os anos de 1840 a 1906, *Icones Selectae Plantarum (1828-34)* e *Historia Naturalis Palmarum (1823-53)*).

Johann Baptist von Spix (1781-1826) nasceu na cidade de Hochstadt na der Aisch na Alemanha. No Brasil, o zoólogo se debruçou em pesquisar e relatar sobre animais e vertebrados:

Algumas publicações relevantes neste sentido são *Simiarum et vespertillionum Brasiliensium species novae ou Historie Naturelle* (1830), trabalho sobre macacos e morcegos, *Animalia Nova seve species novae Lacertarum* (1824), exemplar que descreve lagartos, cobras, tartarugas e sapos, e dois volumes intitulados *Avium species novae, quas in itinere per Brasiliam* (1824-1825), livros sobre aves com a participação de Johann G. Wagler. Posteriormente foram publicados *Selecta genera et species Piscium quos in itinere per Brasiliam* (1829), volume sobre diversas espécies de peixes em coautoria com Louis Agassiz, e a obra *Delectus animalium articulorum, quae in itinere per Brasiliam* (1830), que traz a descrição minuciosa de alguns insetos e uma apresentação escrita pelo entomologista Maximilian Perly.¹⁵

Esses profissionais foram impulsionados por várias razões. Acerca disso, o Karen Macknow Lisboa (1995) ressalta:

A literatura de viagem pelo Brasil toma enorme folego com a abertura dos portos, em 1810, e a conseguinte entrada de muitos estrangeiros no País. Impulsionados por diversas razões – comerciais, científicas, diplomáticas, aventureiras, militares, artísticas – esses forasteiros palmilham vastas regiões da desconhecida terra. Responsáveis pelo um “novo descobrimento do Brasil”, muitos deles publicaram, na Europa, suas anotações de viagem. Em missões traçadas em nome da ciência, algumas delas planejadas pelas academias e sociedades científicas, bem como por Museus de História nacional, e financiadas por monarcas, ocupam no Velho Mundo, relevante papel na produção intelectual sobre o Brasil.¹⁶

Desse modo, o início do século XIX o Brasil atraía inúmeras visitas profissionais, sejam elas, cientistas, artistas, aventureiros que percorreram o território brasileiro, relatando

¹⁵Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/textos-cr%C3%ADticos/johann-b-von-spix-narrativas-e-imagens/>. Acessado em 28/11/2019.

¹⁶ LISBOA, Karen Macknow. Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: Quadros da Natureza e esboços de uma civilização. *Revista Brasileira de História*: São Paulo, v. 15, n.º. 29, p. 74, 1995.

tudo o que se via, sobre animais, plantas, alimentos, grupos indígenas, populações negras e seus costumes. Por certo, esses viajantes inauguraram um novo tipo de visualidade ligado aos paradigmas científicos do século XIX. Um fato importante a ser observado é que esses sujeitos estavam ligados a alguns interesses na efetuação desses relatos, uns eram motivados por questões pessoais, como a formação acadêmica e turismo e outros a demandas institucionais, pois esses viajantes eram financiados pelos monarcas, e davam retorno econômico para eles. De acordo com os estudos de Moscato (2017):

O sucesso de uma publicação de viagem também permitia ao viajante a obtenção de algum prestígio acadêmico e social, além de renda, já que as viagens, geralmente davam retorno econômico e político aos seus financiadores: impérios, comerciantes, associações, museus, academias. Assim, a publicação das experiências em trânsito foi uma prática muito usada por esses sujeitos que tinham o apoio de editores habilitados¹⁷.

Observamos dessa forma que os viajantes possuíam interesses nas expedições científicas que iam tanto de aspectos pessoais, sociais como também econômico. No entanto, com interesses ou sem, é perceptível que esses viajantes durante o século XVIII e XIX constituíram relatos de grande relevância para entender a ciência e sociedade da época. Para, além disso, produziram um importante objeto de pesquisa para as produções historiográficas, que foram seus livros produzidos, como é o caso da obra *Viagem pelo Brasil* dos naturalistas Spix e Martius “De volta à Alemanha, em dezembro de 1820, Spix e Martius dedicam-se ao relato, ampliando e organizando as anotações de viagem. Finalmente, no ano de 1823 é editado, em Munique, o primeiro volume da *Reise in Brasilien (Viagem Pelo Brasil)*¹⁸.

1.2 Trajetória de Spix e Martius pelo Piauí, Maranhão e Pará

É nesse contexto que está inserida a viagem dos viajantes Spix e Martius ao Brasil. Os dois viajaram para as terras brasileiras a mando do rei de Baviera, Maximiliano José I. Vieram

¹⁷ MOSCATO, Daniela Casoni: O viajante não está só: a cultura científico em memórias sobre o Brasil e as ligações entre os naturalistas luso-brasileiros do século XVIII e os viajantes científicas do século XIX. Tese de doutorado UFPR, Curitiba, p. 137-138, 2017.

¹⁸ LISBOA, Karen Macknow. *Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: Quadros da Natureza e esboços de uma civilização*. *Revista Brasileira de História*: São Paulo, v. 15, n.º. 29, p. 73-91, 1995.

para cá juntamente com a arquiduquesa austríaca Leopoldina, na ocasião do seu casamento com o príncipe Dom Pedro de Alcântara. A jornada de ambos se tornou uma das mais famosas expedições científicas realizadas, sobretudo para as produções historiográficas. Chegaram ao Rio de Janeiro no ano de 1817. De acordo com Alfredo Cordiviola (1997)¹⁹ ambos os cientistas passaram três anos adentrando-se no país e estudando as formas de São Paulo e Minas Gerais até a Amazônia, passando pelo distrito Diamantino e o Rio São Francisco. Após esses três anos de pesquisa os viajantes publicaram o livro intitulado *Viagem pelo Brasil* rica em vários detalhes sobre o território brasileiro. A obra foi publicada alguns anos depois, após os viajantes terem explorado e estudado sobre a fauna e flora brasileira e voltarem para seu território de origem, a Alemanha. Essa, por sua vez, foi publicada em 3 volumes, dois deles nos anos de 1823, 1838 e o terceiro volume somente no ano de 1831. O Spix que veio a óbito em 1826, por causa de uma doença adquirida ainda no Brasil, não viu os últimos três volumes.

Os viajantes naturalistas Spix e Martius percorreram a colônia durante três anos, a viagem se sucedeu entre os anos de 1817 a 1820. Os mesmos chegaram ao Brasil em 1817, e durante esse ano na estadia do Rio de Janeiro, estudaram a natureza em torno da Corte portuguesa, e só posteriormente começaram a expedição por outras partes do Brasil. Em suas andanças percorreram as regiões de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Goiás, Pernambuco, Amazonas, e os estados de Piauí, Maranhão e Pará.

Sobre a trajetória do Spix e Martius no Brasil, o Heitor de Assis Júnior (2004) argumenta:

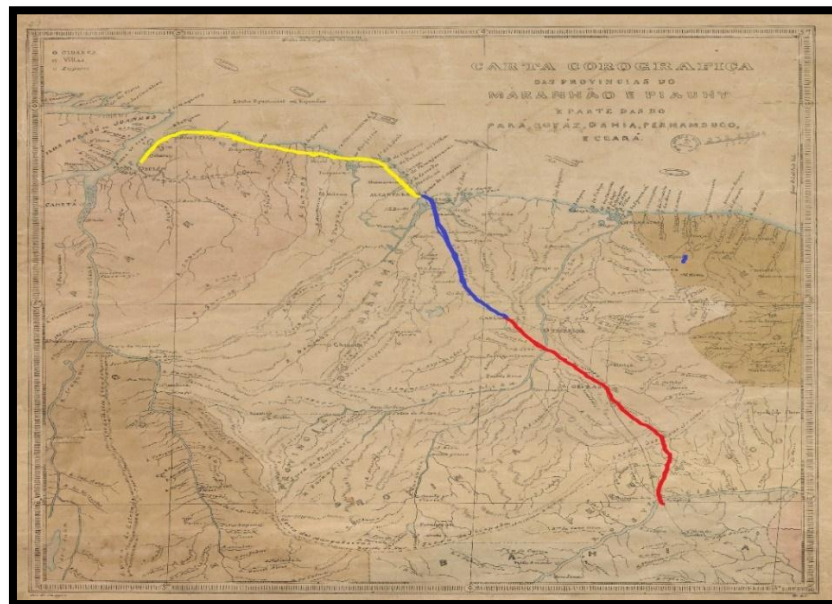
Partiram do Rio de Janeiro e seguiram para São Paulo, passando pelo Vale do Paraíba, Jundiaí e tomando rumo norte em direção a Minas Gerais, visitando e reconhecendo Ouro Preto e Diamantina. Dirigiram-se para o Rio Xopotó, Minas Novas e Contadas. Visitaram os limites do estado da Bahia e Goiás. Na Bahia visitaram Salvador, Ilhéus e Juazeiro, de onde atravessaram o Rio São Francisco. Entraram pelo sertão, chegando a Pernambuco, de onde viajaram pela zona das secas até o Piauí e, em seguida, São Luís do Maranhão. De navio, chegaram a Belém do Pará, em meados de 1819; conheceram os arredores de Belém e a Ilha de Marajó. Subiram o rio Amazonas até o Solimões, onde se separaram, Spix seguiu viagem pelo Amazonas até os limites do Peru, e Martius seguiu o rio Japurá, até a fronteira com a Colômbia. Marcaram encontro no rio Negro e navegaram pelo rio Madeira acima. Após retorno ao Pará, deixaram o Brasil em 13 de junho de 1820, depois de três anos de abundantes coletas²⁰.

¹⁹ CORDIOVILA, Alfredo. Spix e Martius: dois naturalistas na Baía. *Signólio*, v. 9, jan/dez, p. 12, 1997.

²⁰ JÚNIOR, Heitor de Assis. Relações de von Martius com imagens naturalísticas e artísticas do séc. XIX. Dissertação de Mestrado, Campinas, São Paulo, p. 06-07, 2004.

No atlas *Viagem Pelo Brasil* os viajantes descreveram sua trajetória pelo Nordeste. Saindo da Vila Rica, Minas Gerais, passaram a visitar vários espaços das Capitanias do Nordeste, por exemplo, Bahia, Maranhão, Pernambuco e Piauí. No mapa representando pela imagem abaixo podemos observar as províncias do Maranhão e Piauí e partes das do Pará, Goiás, Bahia, Pernambuco e Ceará, evidenciando toda a configuração do trajeto realizado por Spix e Martius na saída de Juazeiro, até a cidade de Oeiras, representado com o traço vermelho, com destino a Caxias e a São Luís do Maranhão, onde está representado com o traço azul, finalizando sua viagem em Belém do Pará, onde chegaram por via marítima. No mapa esse último percurso está representado com o traço amarelo. Nele podemos atentar nos para os territórios pelos quais estes trilharam. No atlas os viajantes descrevem cuidadosamente seu trajeto, elaborando anotações sobre paisagens, animais, costumes, economia, produtos. O Dr. Martius, por exemplo elabora relatos sobre a flora tropical e o Dr. Spix relativamente ao reino animal.

Imagem 1: Carta cartográfica das províncias do Maranhão e Piauí e parte do Pará, Goyás, Bahia, Pernambuco e Ceará



Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart176103/cart176103.html. Acesso em 27/11/2019.

Vamos nos atentar para o percurso que os viajantes sucederam nas províncias do Piauí, Maranhão e Pará. A primeira parte da viagem compreende o percurso realizado de Juazeiro até a província de Pernambuco, em direção a Oeiras, então capital do Piauí. No arraial de Juazeiro sinalizam aspectos da produção do sal, ou seja, os produtos locais, também provêm da criação de gado bovino e equino, mas a realidade da maioria da população é miserável.

Como em todo o seu percurso, os viajantes descrevem o encontro com alguns índios, esses da tribo maçacarás onde aponta que “(..) era essa gente robusta, e nos costumes, igual aos demais índios. Estavam tão desabitados da língua de sua tribo em via de extinguir-se, que só a custo pudemos tomar nota de um pequeno vocabulário. O som das palavras era rouco, áspero e desagradável; falavam lentamente e sem acentuação animada, e pareciam ter perdido toda a energia moral na absoluta dependência dos estrangeiros”²¹ enfatiza constituição “robusta” e nos costumes iguais aos demais índios.

Da jornada entre Juazeiro e Piauí, os viajantes relatam que passaram pela Fazenda do Bom Jardim, Amargosa, Cruz de Valério, Mari, Angical, Santo Antônio, Alegre, Angico, Fazenda da Serra Branca, Fazenda da Cachoeira, revelam terem chegado a 1º de maio em uma das 33 fazendas do Piauí, Fazenda Porções de Baixo, de lá partiram e chegaram em 3 de maio a então capital do Piauí, Oeiras, após terem percorrido a fazenda escravos do rei, Campo Grande e Castelo, Fazenda Brejo até à Real Fazenda da Ilha.

Durante a estadia na capital, os viajantes se debruçam em relatar e observar acerca da arquitetura das casas da cidade, sinalizando os números de habitantes e o formato da vila “(...) separada naquela época do Maranhão, e por D. José distinguida com os foros de cidade, é uma povoação insignificante, que consta de algumas ruas irregulares, com casas baixas de barro caiadas de branco. Na ocasião de nossa chegada, constavam-se na sua extensa freguesia 14.074 habitantes (...)”²². Além disso, realiza uma descrição da paisagem da capital:

A região de Oeiras é pitoresca, e rica em aspectos variados entre diversas colinas e morros de grés avermelhado, ora perfilando-se acima da planície em forma de terraço, ora íngremes, ora nus ou com pastos de gramíneas altas verde-acinzentadas do agreste, ora com moitas fechadas, folhudas e árvores baixas. Ao viajante ocorre o reparo de que a natureza da região corresponde á simplicidade do caráter dos habitantes; eles se demora de bom grado nos lugares ensombrados, circundados por extensas cercas de pés de abóboras pequenas e maracujás, ou junto das cristalinas fontes, que brotam, aqui e acolá, das rochas²³.

Conseguimos nos atentar para o fato de que os viajantes descreveram a paisagem do Piauí como sendo de qualidade, deixando uma boa impressão. Com o relato sobre os campos do Piauí podemos ter uma noção da paisagem desse estado no século XIX, formado por vastos morros, com uma formação de grés (avermelhado), e uma vegetação de palmeiras e

²¹ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 206, 1976.

²² SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 217, 1976.

²³ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 218-219, 1976.

carnaúba, juazeiros e cactos, como escreve o viajante. Para além da paisagem os viajantes escrevem sobre os animais daquela localidade, por exemplo, retrata sobre o perfil do gado e dos cavalos “O gado bovino é grande e bem feito, distinguindo-se pelos chifres compridos, muito pontudos e salientes e pela diversidade do colorido. Não são tão bons os cavalos”²⁴ e ainda fala dos grandes produtos que podem ser extraídos dali como “queijos, manteigas e requeijão”²⁵.

O segundo momento da viagem é o trajeto da saída de Oeiras, onde os alemães passaram pela Vila de Caxias com destino a São Luís capital do Maranhão. Em 12 de maio Martius e sua tropa ainda no Piauí, atravessam o Rio Canindé, onde alcançam São Gonçalo (hoje Amarante). Passando pelas Fazendas de Buriti e de São Pedro, Todos os Santos, até que alcançam o rio Parnaíba onde embarcaram, com destino a província do Maranhão, por via marítima. Nesse trecho o Martius observa e descreve o rio Parnaíba, “O rio corre bastante rápido, mas sem cachoeiras, vindo da parte sudoeste da província do Piauí, em geral através de terreno pantanoso coberto de matas virgens e brenhas de arbustos, ou com bosques de carnaubeiras e buritizais”²⁶, até que chegam as margens do rio e encontram a província do Maranhão, onde se instalaram na Fazenda Sucuriú e de lá partiram para Caxias. No percurso entre a Fazenda Sucuriú até Caxias Martius relata um momento delicado da viagem, onde Spix adoece em uma noite de uma terrível tempestade “(...) o único fiel auxiliar nessa pavorosa noite, me sobressaltou com um grito de angústia; parecia-lhe que o Dr. Spix estava morrendo. Quando, horrorizado, fui vacilante para junto dele, achei-o imóvel, o rosto de palidez mortal, com pontos endurecidos na pele e atacado de terríveis espasmos abdominais e ele segue sozinho até a vila de Caxias pra buscar ajuda”²⁷

Durante sua estadia na vila de Caxias Martius se debruça em observar como tem feito até aqui, as características da cidade “Caxias (vila desde 1812), antigamente Arraial das Aldeias Altas, é uma das mais florescentes vilas do interior do Brasil. Monta a 30.000 o número de habitantes do seu termo. Deve sua prosperidade à cultura do algodão (...)”²⁸, para além disso, o viajante relata sobre a plantação e cultivo do algodão e os costumes de grupos

²⁴ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 215, 1976.

²⁵ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 261, 1976.

²⁶ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 229, 1976.

²⁷ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 230, 1976.

²⁸ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 231, 1976.

indígenas encontradas como os Caraus, Tupinambás, Tabajaras, Anajás, os Timbiras, Gamelas. Após terem ficado um tempo em Caxias, seguem viagem para São Luís pelo rio Itapicuru, onde pararam em algumas vilas, em 10 de junho na Vila de Itapicuru-Mirim, 11 de junho São Miguel, e Mangue Alto, continuam a viagem até que desembarcam na Fazenda Arraial lá percorrem por terra até fazenda de Bacanga, e chegam em São Luís pelo rio Bacanga.

Já na capital do Maranhão o viajante descreve sobre as arquiteturas das casas e das ruas:

As casas, de dois ou três pavimentos, são na maioria construídas de grés de cantarina, e apropriada disposição do seu interior corresponde ao exterior sólido, porém inteiramente burguês. Mas as ruas são irregulares, parte em ladeiras, e mal calçadas ou sem calçamento. A residência do governador apresenta extensa fachada, faltando-lhe, porém, a dignidade e elegância próprias desses edifícios. O antigo colégio dos jesuítas, a Câmara Municipal e Cadeia Pública ocupam os outros lados da espaçosa praça frente a estes prédios²⁹.

Além disso, detalha também sobre os habitantes da cidade, o comércio, o clima “O calor seria aqui quase intolerável, se não fosse suavizado pela contaste alternância da variação do mar e do vento da terra”³⁰. Ainda nas terras do Maranhão, Martius realiza um passeio pelo interior da capitania. Em uma viagem de seis horas passando pela Fazenda Bonfim, Ilha do Medo, Boa esperança finalmente chegam ao porto de Alcântara. Nessa vila o viajante se debruça em relatar suas particularidades, o alemão dá detalhes sobre a vila e a sua paisagem “Esbeltas Palmeiras, às vezes armadas de formidáveis acúleos, ou agaves com altas inflorescências terminais, guarnecem as suaves encostas e a orla das moitas. Numerosos riachos, que se comunicam como se fossem canais artificiais, correm por essa idílica região até o mar, cuja característica vegetação litorânea, a dos manguezais, se estende até longe, pelas terras, ao longo das margens”³¹.

Dando fim a sua estadia no Maranhão, o Dr. Martius e o Dr. Spix seguem viagem para a capital da província do Grão-Pará. Nesse trecho da viagem Martius relata com riqueza de detalhes seu percurso marítimo até chegar ao seu destino. O alemão expõe todos os lugares que passou até chegar ao Pará, dando características da paisagem encontrada. O trecho se deu

²⁹ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 244, 1976.

³⁰ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 246, 1976.

³¹ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 250, 1976.

por a baía do Cabelo da Velha, Ilha de São João, até que no dia 23 de julho passa pela Baía de Caeté e discorre sobre a vegetação “Diversas ilhas, orladas de mangues, acham-se a ela fronteiras, e foram aproveitadas por nosso piloto, um mulato velho, para nos orientar com admirável segurança”³². E em 25 de julho pela Ilha de Marajó, o naturalista se impressiona com a vegetação:

Ostentava-se cerrada alta, verde, pujante, a mata em volta, solene e tranquila, como se acabasse justamente de surgir das águas criadoras. Peixes em cardumes evoluíam rápidos na correnteza, e aves de variada plumagem, pousadas nos galhos floridos, pareciam os únicos habitantes daquela grandiosa solidão até que colunas de fumaça azul, elevando-se do seio da mata virente significavam-nos a existência dos senhores da terra, os homens, no seu feliz retiro”³³.

Cerca do meio dia de 25 de julho chegam à margem do rio, o forte da Serra e logo depois, por fim, a cidade do Pará “Serenos contentamento, considerávamos o passado; uma meta longínqua estava alcançada; desde o trópico de Capricórnio até ao equador, havíamos percorrido o opulente país, e trazíamos a mente repleta de maravilhosos aspectos”³⁴.

1.3 Uma História Ambiental

Para dar continuidade ao nosso trabalho torna-se necessário conceber sobre o que seria uma História Ambiental, cujos pressupostos norteiam a problemática desse estudo. Apontaremos suas principais metodologias, assim como as discussões do tema entre alguns especialistas. Da maneira como foi aguçado no início, a pesquisa fará uma abordagem de uma História Ambiental, o estudo se dará por meio desse campo historiográfico em que permite o uso de aspectos naturais descritas pelos viajantes naturalistas Spix e Martius para compreender as relações sociais do período oitocentista. Sabemos que ainda é um campo de pesquisa pouco explorado pela historiografia brasileira e seu diferencial está na construção dessas relações que permeiam os espaços entre sociedade e natureza determinando suas estruturas políticas, sociais ou culturais.

Antes de qualquer coisa é importante pontuarmos quando nasceu a idealização desse campo historiográfico. Segundo os estudos realizados, a ideia de História Ambiental veio se

³² SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 265, 1976.

³³ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 266, 1976.

³⁴ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 267, 1976.

solidificar na década de 1970, numa época de grandes reformulações culturais, a qual trouxe uma nova maneira de se estudar o passado, os eventos até então eram compreendidos e estudados pelos historiadores através de aspectos econômicos, sociais e culturais. A História Ambiental nasceu como um novo campo para a compreensão do passado, o que tornou as narrativas historiográficas muitas mais vastas por ser um campo que aborda diferentes temáticas. Segundo Donald Worster “A história ambiental é, em resumo parte de um esforço revisionista para tomar a disciplina da história muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido”³⁵.

Esse campo de análise nasceu pela necessidade de ampliar as análises historiográficas para que essa se torne mais ampla e inclusiva na averiguação da história. No entanto, isso não significaria que ela nasceu com o objetivo de explicar todas as outras análises existentes, como o viés visto pela História da Economia, Social e Cultural, mas sim de incorporar como uma nova forma de perceber o passado “O crescimento acadêmico recente da história ambiental, ao menos em parte, se explica exatamente por sua capacidade concreta para ampliar a análise histórica e trazer novas perspectivas para o estudo de antigos problemas historiográficos”³⁶.

O historiador que escolher trilhar por esse campo de exploração deverá segundo Pádua se atentar para as transformações do mundo natural ao longo dos anos, reconstituindo o ambiente e percebendo como essa se relacionam com o período histórico estudado. Para além disso, o autor ainda argumenta que no processo de reconstrução do ambiente o historiador necessita realizar o diálogo com as ciências sociais e naturais. É nesse momento que a História Ambiental se torna um campo de pesquisa interdisciplinar, por necessitar estabelecer conexão com outras disciplinas.

Assim sendo, umas das principais características da História Ambiental se refere ao diálogo dessa com outras disciplinas das ciências naturais. Desse modo, o escritor na produção de uma escrita a partir dessa linha de pesquisa tem a possibilidade da utilização de disciplinas naturais. Segundo José Augusto Drummond (1991)³⁷, o diálogo pode se dar com disciplinas como geologia, geomorfologia, climatologia, meteorologia, biologia vegetal e animal a ecologia, na qual foca na interação entre os seres vivos e os elementos inertes do ambiente. O campo da História Ambiental também pode fazer o uso da agronomia e as

³⁵ WORSTER, Donald. Para fazer uma História Ambiental. *Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, vol. 4, p. 02, 1991.

³⁶ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*: São Paulo, p. 94, 2010.

³⁷ DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos históricos*: Rio de Janeiro, p. 177-197, 1991.

engenharias florestais, como também, estudos da biologia humana e de doenças, de plantas, animais e humanos, justamente para reconstituir o ambiente e perceber a relação dessas com o homem e o período estudado. Drummond (1991), em um exemplo sobre o ecossistema afirma, “Precisam entender o funcionamento dos ecossistemas para avaliar com correção o papel das sociedades humanas dentro delas, os limites da ação humana e a potencialidade de superação cultural desses limites³⁸”. Dessa forma devemos não só usar as ciências naturais para compreender a ação humana, tem que similarmente entender o seu funcionamento.

Além das ciências naturais e sociais nos possibilitar entendermos a relação entre homem-natureza, ela pode ser também o nosso próprio objeto de estudo “as ciências naturais, além de "aliadas", podem ser também parte do próprio objeto de estudo, como manifestações culturais que ajudam a entender os padrões de uso dos recursos naturais³⁹”. Sendo assim, o nosso objeto de estudo pode partir das ciências naturais, podendo ser um rio, uma árvore, ilha ou mar, podemos fazer o uso desses aspectos naturais e perceber, por exemplo, o papel do homem com essas perspectivas ambientalistas, sua permanência, como também, suas consequências.

Grandara (2009) no seu artigo intitulado, Rio Parnaíba: Um cadinho de mim e da História Ambiental sobre as representações do Rio Parnaíba, afirma que:

Os rios não são simples suporte físico. É paisagem, lugar onde as pessoas se abrem aos mistérios da natureza, ao patrimônio simbólico, possibilitando a interpretação como terreno da criação cultural, passagem de forças e encontro dos indivíduos. Assim, a categoria rio representa um sistema, indicador da situação espacial, concebido com base nas relações entre natureza e pessoas⁴⁰.

Com a citação podemos observar que o rio (aspecto natural) pode nos servir como objeto de estudo para entendermos a relação do homem, visto que esse não é apenas aspecto físico, ele possui relação e interação entre pessoas. Lucien Febvre (2000) em *O Reno: História, mitos e realidades* trabalha a questão natural entre França e Alemanha, procurando demonstrar que o rio Reno não era apenas um dado natural, mas um produto da ação humana ao longo dos anos e usou o rio para demonstrar as interações entre franceses, alemão, italianos.

³⁸ IBID, p. 182.

³⁹ IBID, p. 182.

⁴⁰ GANDARA, Gercinair Silvério. Rio Parnaíba... Um cadinho de mim e a história ambiental. *Textos de história*: p. 41, 2009.

A história pelo viés ambientalista ainda possui uma grande variedade de fontes ao estudo da relação da sociedade entre o ambiente. De acordo com José Augusto Drummond (1991), “Podem ser usadas às fontes tradicionais da história econômica e social, censo populacionais, econômicos e sanitários, inventários de recursos naturais, imprensa, leis e documentos governamentais atas legislativas e judiciárias, crônicas”⁴¹. Para além dessas, os historiadores que usam ou forem usar esse campo de pesquisa, podem se debruçar nos relatos de viajantes naturalistas, que é o caso da nossa pesquisa.

Apontado algumas características metodológicas e analíticas da História Ambiental, partirmos nesse momento para a realização de algumas observações, de maneira introdutória, acima de alguns autores que usaram de aspectos naturais para a realização de suas obras, para que estimulem reflexões sobre o tema. Esses autores formam Gilberto Freyre (2001;2013) na obra *Casa Grande e Senzala* e também na obra *Nordeste*; Flávia Preto de Godoy Oliveira (2011) em *Natureza Peregrina: a fauna e a flora das Índias Ocidentais nas crônicas oficiais hispânicas (1570-1620)* e Keilh Thomas (1988) na sua obra *O homem e o mundo natural*.

No Brasil apesar de possuir análises a partir de um viés ambiental, ainda é em número muito pequeno, porém vem crescendo o número de historiadores que escolhem seguir por esse viés. Gilberto Freyre usou de aspectos naturais em suas principais obras de história social, obras como *Casa Grande e Senzala* e *Nordeste*. Na obra *Casa Grande e Senzala*, Freyre usa a temática ambiental para melhor compreender a sociedade colonial brasileira, o autor usa de abordagens sobre elementos ecológicos, derrubadas de florestas, clima e da monocultura. Já na obra *Nordeste*, Freyre pretendeu fazer um estudo que tivesse foco em questões ecológicas, na obra o autor faz uma crítica à ácida à monocultura canavieira, destacando os fatores ecológicos e sociais lá existentes: a terra, a mata, a água, os animais e os homens. Segundo Regina Horta Duarte (2004):

Em *Nordeste*, o estudo da natureza se mescla ao estudo da vida, da cultura e da história humana, em análises que investigam relações regionais de espaço e de alimentação. Nem fisicista, nem naturalista, Freyre afirma o desejo de privilegiar inter-relações: natureza que é expressão cultural, homem que é também natureza; região que traz no solo, na vegetação e na vida animal a marca do povo que a habita, sociedade que se constrói adaptando-se à região sempre transformada⁴².

⁴¹ DRUMMOND, José Augusto. *A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. Estudos históricos*: Rio de Janeiro, p.183, 1991.

⁴² DUARTE, Regina Horta. “Com açúcar, com afeto”: impressões do Brasil em *Nordeste* de Gilberto Freyre. *Tempo*: Rio de Janeiro, p. 129, 2004.

A autora Flávia Preto de Godoy Oliveira (2011) em *Natureza Peregrina: a fauna e a flora das Índias Ocidentais nas crônicas oficiais hispânicas (1570-1620)*, aborda uma rica história natural sobre a fauna e flora. Ao explicar que sua pesquisa tem aspectos naturais, Oliveira elenca:

No entanto, o conceito História Natural evidencia aspectos fundamentais para esta pesquisa: eram os saberes relativos aos animais, às plantas e aos minerais parte constituinte daquilo que se entendia por História no período moderno. Característica que refuta, assim, genealogias forçadas e continuidades evolutivas que tendem a naturalizar as formas de conhecimento dos nossos dias. Como parte do campo da história, eram saberes sobre a fauna e a flora memórias que se desejavam conservar a conhecimentos a serem estabelecidos por meio da escritura.⁴³

A autora irá fazer o uso, sobretudo de crônicas oficiais das Índias produzidas entre 1570 e 1620 para a sua pesquisa. As crônicas, por sua vez, são repletas de descrições sobre as plantas e animais. E a autora irá perceber com a comparação entre as obras dos cronistas como o Antonio de Herrera y Tordesillas e Pedro de Valencia, que o entendimento da natureza na época era fundamental para a compreensão dos fatos passados, como para governar e enobrecer o Império. Dessa forma, conseguimos constatar que ao usar essas descrições de cronistas, repletos de aspectos naturais, a mesma descobre um fato sobre aquela sociedade, por exemplo, que o entendimento da natureza significava a compreensão dos fatos passados.

O autor Keilh Thomas (1988) em *O homem e o mundo natural* irá analisar as plantas, animais e a paisagem. O principal objetivo do autor é analisar a postura da sociedade inglesa frente ao mundo natural em meados de 1500 a 1800. Em relação às plantas o autor afirma “As plantas eram igualmente maleáveis. Uma ampla gama de plantas de cultivo fora herdada da antiguidade remota, mas o contínuo desenvolvimento e experimentação abriam novas perspectivas”⁴⁴. Keilh (1998), fazendo a análise dos animais na sua pesquisa, descobre um ritual sobre a sociedade daquela época. É nesse sentido que sua obra torna-se importante, para percebemos como o autor realiza esse processo, sendo que é uma das propostas de nossa pesquisa, realizar esse embate entre sociedade e as descrições e imagens da natureza no atlas de viagem do Spix e Martius. De acordo com o autor:

⁴³ OLIVEIRA, Flávia Preto de Godoy. **Natureza Peregrina: a fauna e a flora das Índias Ocidentais nas crônicas oficiais hispânicas (1570-1620)**. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 19, 2016.

⁴⁴ KEILH, Thomas. **O homem e o mundo natural**. Companhia de Letras, São Paulo, p. 34, 1988.

Os rituais dos caçadores da época denunciavam prazer sem inibições na captura e matança de animais selvagens. Quando Jaime I ir a caça do veado ele cortava, pessoalmente, a garganta da presa e untava com sangue as faces de seus cortesãos, não sendo permitido que estes se limpassem; e tornou-se praxe, entre “damas e mulheres de escol, após a caça de um cervo, assistir no local até que ele fosse aberto, a fim de poderem lavar as mãos com sangue, o que deveria torna-las mais alvas⁴⁵”.

O autor realiza seu estudo em torno de aspectos ambientais, e a partir disso descobre um ritual daquela sociedade, relacionado aos caçadores daquela época. É um dos principais objetivos da nossa pesquisa, analisar aspectos naturais da obra de Spix e Martius, e por conseguinte entender a sociedade do século oitocentista, sobretudo ao que se refere aos grupos indígenas e negros da época, em meados dos anos de 1817 e 1820.

CAPÍTULO 2: “VIAGEM PELO BRASIL”: ANALISANDO O RELATO E AS IMAGENS PRODUZIDAS PELO VIAJANTE MARTIUS

2.1 As imagens produzidas pelos viajantes naturalistas

O capítulo que se inicia tem como a finalidade em realizar uma análise crítica sobre o texto escrito e as imagens contidas no atlas Viagem Pelo Brasil dos viajantes Spix e Martius. As imagens contidas no livro de viagem dos viajantes naturalistas fornecem elementos importantes para se estudar a presença dos povos indígenas, a população escrava e da nação no século XIX. Dessa forma, temos o intuito de demonstrar relações entre as ideias e imagens que o Spix e Martius produziram sobre os estados do Piauí, Maranhão e Pará como também um debate sobre a natureza do novo mundo.

Os relatos de viagens realizados pelos viajantes se constituem como uma fonte relevante para se compreender a sociedade brasileira, por possuir uma gama de informações tanto em forma de imagens como em forma de texto, sobre grupos indígenas, escravos, fauna e flora e também por questões econômicas, como é o caso do relato de Spix e Martius intitulado Viagem Pelo Brasil que carrega uma cadeia de informações econômicas das províncias do período oitocentista. Assim sendo, uma investigação acerca do Brasil do século XIX pode ser bastante enriquecedora se levarmos em consideração as imagens produzidas pelos viajantes.

À vista disso, as imagens contidas nesses atlas fornecem a nós historiadores base para estudos históricos. Sobre o uso de imagens como fonte, Peter Buker (2004) no livro, Testemunha ocular, afirma que são poucos os historiadores que usam imagens na produção de

⁴⁵ IBID, p. 35.

seus estudos, e quando usam é só para mera ilustração “Quando utilizam imagens, os historiadores tendem a tratá-las como meras ilustrações, reproduzindo-as nos livros sem comentários”⁴⁶. Ao escolher fontes iconográficas para pesquisa é importante termos consciência que a crítica é tão necessária quanto a fazemos em textos escritos “A crítica de evidência visual permanece pouco desenvolvida, embora o testemunho de imagens, como o dos textos, suscite problemas de contexto, função, retórica, recordação (se exercida pouco, ou muito, tempo depois do acontecimento), testemunho de segunda mão etc.”⁴⁷

É preciso enfatizar as questões relacionadas em torno das imagens produzidas pelos viajantes. No que se refere às produções dos desenhos, é percebido que eram executados pelos próprios viajantes, mas muitas das vezes eram realizados por artistas que acompanhavam os viajantes em suas expedições científicas, com a tarefa de desenhar os cenários, os espécimes e as populações indígenas:

Mas os naturalistas não eram os únicos que partiam em viagens transcontinentais, também era comum encontrarmos em uma expedição científica a presença de artistas, encarregados de realizarem a documentação visual que ilustraria os relatos de viagem. Eram estes artistas, muitas vezes, os responsáveis por desenhar os cenários, os espécimes e as populações indígenas que eram encontradas durante a viagem, uma vez que a fotografia só se tornou disponível depois da segunda metade do século XIX e mesmo assim com limitações⁴⁸.

Dessa forma, as imagens que inicialmente eram feitas pelos artistas, em seguida eram modificadas pelos gravadores na sua fase final “inicialmente representada pelos viajantes, sofreu em seguida novas alterações quando da passagem do desenho ou aquarela original para a versão final, realizada pelos gravadores”⁴⁹. Desse modo, é importante termos consciência que as imagens a qual vamos analisar, não é de fato o real, ou seja, não produz realmente aquilo que efetivamente representava os povos indígenas a fauna e a flora, mas sim uma visão ligada as suas concepções de mundo e ainda, muita das vezes eram alteradas na sua fase final. Coelho argumenta:

⁴⁶ BURKE, Peter. O testemunho das imagens. In: **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, p. 12, 2004.

⁴⁷ IBID, pág. 18.

⁴⁸ ANTUNES, Anderson Pereira. **A iconografia dos viajantes oitocentistas**: Um estudo comparativo das imagens realizadas no Brasil do século XIX. Monografia. Museu da Vida|Casa de Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, p. 16, 2013.

⁴⁹ SALLAS, Ana luisa Fayet. Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, n.2, abr.-jun., p. 416, 2010.

Muitas das vezes, o desenho feito *in loco* pelo viajante nem sempre era o registro do que seria publicado. Por falta de tempo, o artista deixava anotações de cores e detalhes, para redesenhá-lo no retorno da viagem para a Europa. O resultado era um trabalho que atravessava diferentes técnicas e olhares, realizado em tempos diferentes e, em grande parte, fora do Brasil. Essa prática revela uma forma de fazer artístico, que destaca a importância do desenho de observação na passagem para outras técnicas como a gravura ou a pintura. Em muitos casos, o desenho passava por outras mãos, por artistas que não, necessariamente, conheciam a paisagem, incorporando elementos paisagísticos, personagens, ou mesmo, refazendo a composição e caracterizando um desenho que permitia arranjos sem comprometer o conceito de *originalidade*. Muitos desses desenhos iriam se transformar em gravuras, compondo álbuns pitorescos de viagem, acompanhados de descrições dos lugares, dos habitantes, da flora e da fauna⁵⁰.

De acordo com Prado (1955), muita das gravuras abarcado nos atlas de viagens dos viajantes sofriam várias alterações, para enfatizar essa afirmação o autor argumenta que, “Na versão original ocorriam frequentemente falhas ou acréscimos, de que temos divertido exemplo na estampa de Choris, onde se vê danças de caboclos onde nada havia no desenho original”⁵¹. Dessa forma, é perceptível a alterações nas imagens, as quais ocorriam tanto falhas como acréscimos, cenas que nunca havia ocorrido eram enfocadas, já em outros momentos muitos fatos relevantes para entender um determinado assunto eram simplesmente omitidos. A isso se refere ao fato que eram europeus que realizavam esse trabalho a qual tinham uma visão idealizada do Brasil e de toda a América, muitas das imagens nos diários de viagem eram comparadas aos países europeus:

O costume de querer melhorar o decorativo das anotações de viagens segundo o gosto do lugar e da época, quando as passavam a estampas, dava-lhes cunho acentuadamente parisiense se feitas na França, suíço se em Basileia na oficina de Steinmann, londrino se na Inglaterra ou vienense em Viena. Imaginamos facilmente a transformação de aguarelas como as inéditas e desconhecidas de Adriano Taunay - do Proh das ilhas Carolinas ou da rede de transporte de chefes indígenas aculturados, encartolados, protegidos por sombrinhas, a fumar charuto, novidade para a Europa daquele tempo - depois de Choubard ou Coutant as gravarem à moda pointillé em chapa de cobre.⁵²

⁵⁰ COELHO, Mário César. Artistas viajantes e acadêmicos. *Revista Esboços*, v. 11, n. 12. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 169-170, 2004.

⁵¹ PRADO, João Francisco de Almeida. *Thomas Ender: pintor austríaco na corte de dom João VI no Rio de Janeiro – um episódio da formação da classe dirigente brasileira, 1817/1818*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. P. 238, 1955.

⁵² IBID, pág. 329.

Ainda é perceptível nesses registros a visão do europeu destorcida sobre os aspectos do Brasil, a qual pode se observar um olhar de acordo com suas crenças, preconceitos, necessidades e fantasias, em que tudo que era novo e o que não fossem de acordo com sua visão de mundo era tido como estranho e desconhecido, é nesse momento que nasce uma visão preconceituosa e adulterado nos registros:

O desconhecimento daqueles amplos espaços habitados por povos pré-colombianos revestiu-os, muitas vezes, de visões idealizadas e simbólicas, formadas não por um projeto de reconstrução objetiva do mundo, mas por fantasias ou arquétipos culturais, que acabaram por se difundir no imaginário coletivo europeu, num jogo de espelhos onde o verdadeiro e o aparente se confundiam.⁵³

Desse modo, percebemos que por mais que os viajantes tivessem um esforço para registrar imagens as mais fiéis possíveis da realidade, eles nunca deixariam de estar ligados as suas visões de mundo, as suas convenções culturais e sociais da época.

De acordo com essas questões levantadas, algumas perguntas são inevitáveis na nossa pesquisa: Se as imagens não representam verdadeiramente o Brasil do século XIX, por que estudá-las? Qual a finalidade de se estudar uma imagem que não representa determinada ação? Por que são distorcidas? É importante enfatizar que a presente pesquisa não vai levar em consideração que essas imagens são falsas, ou que não representam o real. Sobre as fontes iconográficas, Menezes (1996), afirma que não é possível pensá-las como registros do real e também a busca do grau de fidelidades nas suas cenas, mas vai para além disso, segundo o autor a imagem é uma construção discursiva, sendo assim as imagens depende “das formas históricas de percepção e leitura, das linguagens e técnicas disponíveis, dos conceitos e valores vigentes”⁵⁴.

As imagens seriam uma forma de representação do real e “toda representação contém uma verdade em si, seja ao se destinar a determinado grupo, seja ao expressar crenças e valores de outros”⁵⁵ é a verdade de quem as produziram. A nossa pesquisa envolve justamente nessa questão, pois nossa análise das imagens e do texto escrito, não procuramos delinear uma visão verdadeira do Brasil no século XIX, até por que não existe, mas nos propomos a uma

⁵³ CORRÊA, Margarida Maria da Silva. **Da construção do olhar europeu sobre o novo mundo ao (Re) Descobrimto do reino tropical**. Dissertação de Mestrado, Goiás, p. 24, 1997.

⁵⁴ MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. **Morfologia das cidades brasileiras**: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. Revista USP, São Paulo, n.30, p.152, 1996.

⁵⁵ SALLAS, Ana luisa Fayet. Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, n.2, abr.-jun., p. 415-435, 2010.

análise crítica da maneira como os viajantes percebiam as práticas dos grupos indígenas, a fauna e flora, ou seja, o que será estudado é a representação desses sujeitos sobre essas questões, que diziam verdades de suas épocas, ao se expressarem nas imagens e na escrita do atlas. Além disso, é preciso atentar nos para o fato que ambos os viajantes tinham interesses por trás das suas observações, seus objetivos estavam para além de construir uma imagem do “Novo mundo”, questões de cunho econômico, social, artístico estavam inseridos nos objetivos de Spix e Martius “O que os viajantes tinham em mente, dentre outras, a realização de tarefas de cunho econômico, científico, artístico, com objetivos práticos em seu próprio tempo”⁵⁶.

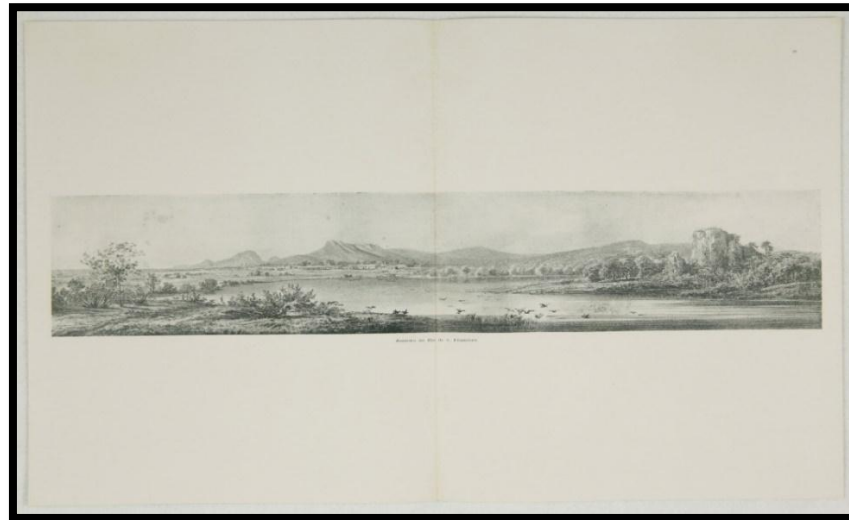
Uma vez estabelecido os desdobramentos em torno das produções de imagens e a sua importância para a pesquisa é o momento de refletirmos as análises das imagens produzidas pelos viajantes Spix e Martius, a qual vai ser realizada um paralelo com o texto escrito, percebendo a presença dos indígenas e escravos especificamente nos estados do Piauí, Maranhão e Pará. Nas análises a seguir, como já enfatizadas anteriormente vamos nos atentar para uma visão dos viajantes europeia para os indígenas, escravos e a paisagem oitocentista dos estados estudados.

A partir do desenvolvimento dessa proposta, analisando a relação dos viajantes naturalistas Spix e Martius frente ao mundo natural, suas observações diante da vegetação, paisagem, solo, rio e clima poderemos compreender sobre a fundo os territórios analisados. Sendo assim, com essa interação dos viajantes naturalistas frente ao mundo natural iremos, por exemplo, entender como era a formação das cidades do período oitocentista, costumes da sociedade, comércio, alimentação e o conhecimento da flora. Procuraremos realizar uma História Ambiental, onde iremos perceber a interação da homem frente ao naturalismo, a questões relacionadas ao ambiente como animais, clima, plantas e paisagem. Não pretendemos fazer diferente dos autores ambientalistas que analisamos anteriormente, onde eles fazem o uso de aspectos naturais para compreenderem a sociedade em estudo. Analisaremos nosso estudo pelo Rio São Francisco onde Spix e Martius ficam um tempo até viajarem para Oeiras no Piauí, em seguida a análise se debruçará sobre a província do Piauí, Maranhão e por fim, analisaremos a província do Pará.

⁵⁶ SANTOS, Raimundo Lima. As percepções de Spix e Martius sobre a paisagem Maranhense. *Revista Tempos Históricos*, p. 139, 2015.

2.2 Uma análise sobre o Piauí

Imagem 2: Juazeiro - rio São Francisco



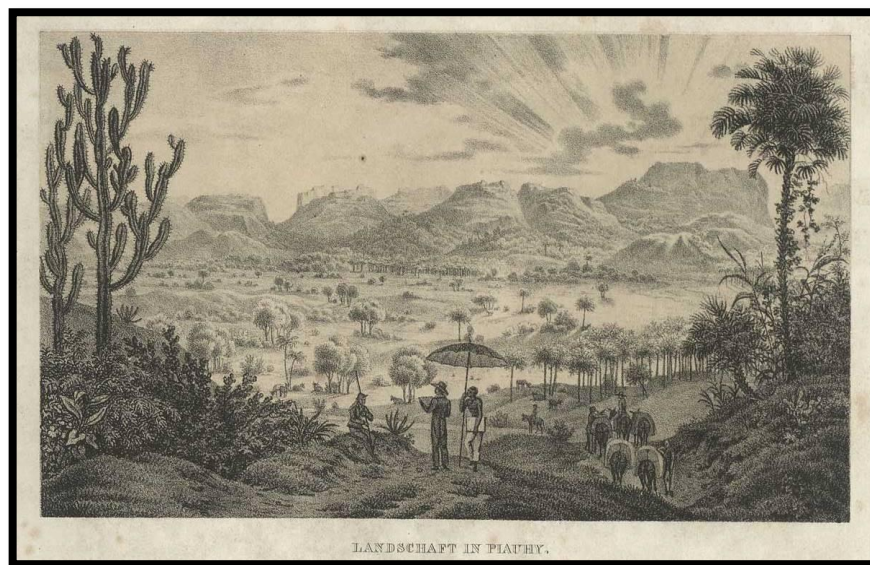
Spix, Johann Baptist von; BALDUS, Herbert. **Viagem pelo Brasil von Spix e von Martius 1817**. São Paulo, 1940. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7757>

Antes de nos aprofundarmos sobre as imagens e relatos sobre o Piauí, faz-se necessário analisarmos a imagem de Juazeiro no rio São Francisco, onde Spix e Martius se instalaram até a partida para Oeiras. As referências às paisagens na iconografia dos viajantes são bastante extensas. A imagem acima traz representação do arraial de Juazeiro, a qual Martius salienta detalhes sobre a pequena aldeia, a população do arraial na época era composta por um número de 200 habitantes, com uma soma de 50 casas, foi dessa aldeia que os viajantes naturalistas viajaram para uma parte da província de Pernambuco, em direção a Oeiras, segundo a escrita dos viajantes, a importância da vila na época, devia-se ao trânsito pela estrada do Piauí, que atravessava o rio nesse local. Na pequena vila de 200 habitantes, os viajantes observaram e relataram sobre a paisagem encontrada para Martius é uma paisagem singular. Ao redor do rio São Francisco é identificado pequenas sítios separados por cercas de tábuas ou de espinheiros, no centro do rio se encontra a Ilha de Fogo, ao qual podemos observar no canto direito da imagem, formando uma rocha. Martius relata que a vegetação em torno do rio é rica, pois são constituídas por espigas florais. Desse modo, na imagem o rio representa paisagem física de grande beleza rodeado por plantas baixas, pequenos sítios, morros e serras ao fundo. Já longe das margens compõe um quadro deslumbrante da paisagem do rio São Francisco no período oitocentista.

Para além da descrição realizada da paisagem os naturalistas dão detalhes sobre o rio São Francisco “Nessa ilha, como em outros lugares da margem, apresenta o rio uma formação muito nova, consistindo em pedras roladas, as quais acarreta consigo, e de limonita terrosa, que é o cimento desta brecha”⁵⁷. E abordam questões relevantes sobre o rio Salitre de onde vem a principal riqueza da região devido a extração de sal nas suas margens “Na vargem, em parte aprofundada artificialmente, entre esses outeiros e o Rio Salitre, numa extensão de cerca de 60.000 pés quadrados, e ao longo do Rio Salitre, em muitos lugares semelhantes, extrai-se o sal de cozinha da terra, que jaz em camadas de várias polegadas de espessura, sobre a pedra.”⁵⁸

Nas duas descrições realizadas pelo Dr. Martius percebemos tanto a descrição da paisagem geográfica, como também a importância desse para aquela civilização. Pontuamos dessa forma, que o estudo da relação do viajante naturalista Martius com o rio, aspecto natural, nos possibilitou, ter uma visão da paisagem do Arraial de Juazeiro, conseguimos nos atentarmos para estrutura física do rio e também nos ajudou a compreender questões ligadas a economia da Vila, onde seu principal meio de sustentação vinha das margens dos rios, com a extração e venda do sal de cozinha.

Imagem 3: Piauí



NACHTMANN, Franz Xaver. Am Corcovado, bei Rio de Janeiro. Muenchen [Alemanha]: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823/1831. 1 grav., litografia, pb, 46x59. Disponível <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1250074/icon1250074_26.jp>

⁵⁷ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 204, 1976.

⁵⁸ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 204, 1976.

Um fato pertinente na produção científica de Martius é a articulação entre a imagem e o texto escrito no Piauí não foi diferente. O viajante produziu um relato como também imagens sobre a paisagem piauiense. Nessa província o que mais chamou a atenção dos viajantes foi a vegetação agreste, não cultivadas. Ainda com a descrição percebemos que a paisagem era formada por diversas árvores de gêneros diferentes “(...) diversas árvores dos gêneros *Qualea*, *Phaeocarpus*, *Jacarandá* etc., com galhada fortemente retorcida (...)”⁵⁹. Na imagem acima temos a representação da paisagem do Piauí, em campo aberto rodeado de morros percebemos uma grande variedade na vegetação, onde pode-se perceber a formação de grés, de palmeiras carnaúbas, ao lado direito da imagem, juazeiro e cactos, representado ao lado esquerdo da figura. Assim, podemos observar que a paisagem do Piauí oitocentista era formada por uma profusão de espécies de plantas e uma mistura de vegetações.

Os viajantes não só se debruçaram em descrever a flora da província, mas também relataram sobre a fauna, onde o mesmo dar detalhes do gado e dos cavalos “O gado bovino é grande e bem feito, distinguindo-se pelos chifres compridos, muito pontudos e salientes e pela diversidade do colorido”⁶⁰. Em relação aos cavalos do Piauí o naturalista relata que não são tão bons quanto o gado “Só raramente estes atingem mais do que tamanho mediano, são ossatura fraca e pouca potência”⁶¹. O gado, por sua vez possui uma importância significativa para os fazendeiros do Piauí, pois era da criação e da venda que tiravam seu rendimento.

O trajeto entre Piauí a Caxias foi realizado pelo rio Canindé e o rio Parnaíba. Como feito no rio São Francisco Martius explana a paisagem ao redor do rio Parnaíba “O rio corre bastante, mas sem cachoeiras, vindo da parte sudoeste da província do Piauí, em geral através de terreno pantanoso coberto de matas virgens e brenhas de arbustos, ou com bosques de carnaubeiras e buritizais”⁶². Diante da análise feita do relato e das imagens do Piauí, percebemos uma grande variedade de carnaubeiras na província do Piauí uma espécie de palmeira e também no Maranhão como veremos em seguida.

O percurso dos viajantes Spix e Martius para as terras do Piauí e a província do Maranhão foi até certo ponto marcado por ocorrências perigosas e tristes, como roubos e doenças “Quem imaginaria que esse trecho da viagem seria tão cheio de perigos e tristes ocorrências? Os nossos cargueiros espalharam-se longe durante a noite, e de manhã se

⁵⁹ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 217, 1976.

⁶⁰ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 215, 1976.

⁶¹ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 215, 1976.

⁶² SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 229, 1976.

verificou que tinham sido roubados as correias que ligavam as patas das mulas”⁶³. Ao encontrarem pela primeira vez uma criação de gado ficaram surpresos e chegaram a comparar com a Europa, afirmando que deveria ser considerada a Suíça do Brasil. Nessa passagem percebemos o quão é perceptível às comparações que os viajantes sempre faziam com a Europa, chegando a insinuar que deveria ser chamado de “Suíça do Brasil”.

Ainda na passagem pelo Piauí, o botânico Martius se deparou com algumas etnias, e descreveu a fisionomia dos indígenas e onde habitavam. Os Pimenteiras foram vistos pelos viajantes em Oeiras e os Goguês e Acroás em São Gonçalo de Amarante:

Dos pimenteiras assim capturados, vimos diversos em Oeiras. Eles eram mais robustos e ágeis índios que até agora nos havia aparecido, e tinham nos traços da fisionomia, assim como na linguagem muito rica em sons palatinos, uma certa franqueza e energia, que debalde procuramos nos índios aldeados em São Gonçalo de Amarante. Os Índios aqui encontrados pertenciam às tribos dos goguês (*gueguês*) e acroás (*acroazes, aruazes*). [...] Os goguês habitavam e habitam ainda entre a parte mais meridional do Rio Parnaíba, o Rio do Sono e o Rio Tocantins, chamado por eles cotchauborè. Já no ano de 1765, estavam reunidos 400 deles numa aldeia, São João de Sende, nove léguas ao norte de Oeiras. Vivem os acroás mais ao norte dos precedentes índios, entre o Rio de Balsas, o Parnaíba e o Tocantins. Dividem-se em duas hordas os acroás-mirins, isto é, os grandes e os pequenos; falam, porém, a mesma língua, que pouco diverge da dos goguês⁶⁴.

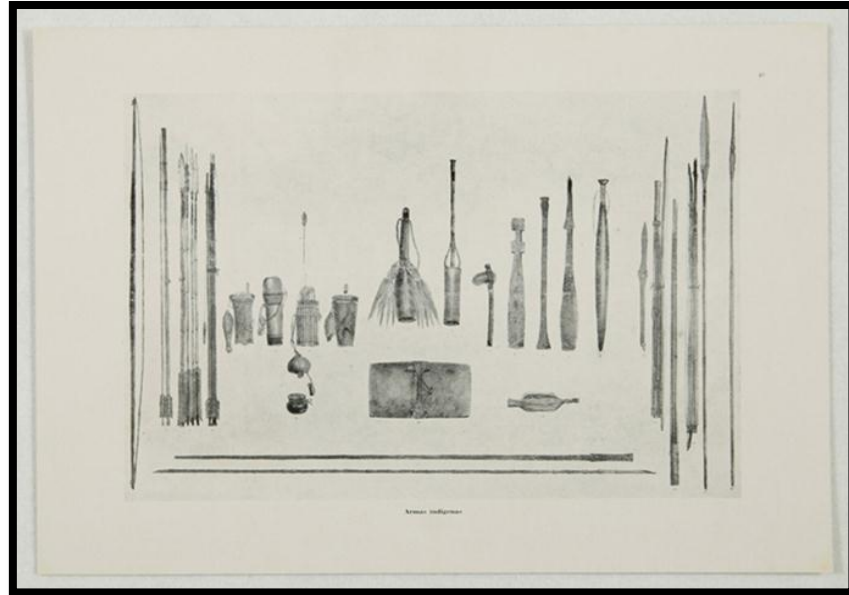
Ainda sobre o Piauí Martius relata sobre as formas de armamentos que os indígenas usavam algumas representadas na imagem abaixo como as flechas. “Segundo informações do velho Marcelino, servem-se essas tribos indígenas, como armas, do arco e da flecha, que eles às vezes envenenam”⁶⁵. Uma questão importante a ser elencado sobre o relato de Spix e Martius no que se refere aos indígenas é a omissão das lutas das resistências dos indígenas contra os brasileiros, que no início do século XIX houve numerosas expedições com a finalidade de escravizá-los nas fazendas de gado “A partir desses anos, até o início do século XIX, numerosas expedições foram organizadas, com a finalidade de expulsar o nativo de suas terras e escraviza-lo nas fazendas de gado e reduzi-lo em aldeamentos.”⁶⁶

⁶³ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 209, 1976.

⁶⁴ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 277, 1976.

⁶⁵ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 228, 1976.

⁶⁶. OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros Oliveira. **Povos indígenas do sudeste do Piauí: conflitos e resistência nos séculos XVIII e XIX**. ANPUH-Associação Nacional de História/ Núcleo Regional de Pernambuco, Recife UFPE, p. 03, 2004.

Imagem 4: Armas indígenas

Spix, Johann Baptist von; BALDUS, Herbert. Viagem pelo Brasil von Spix e von Martius 1817. São Paulo, 1940. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7757>.

Outro ponto pertinente no atlas dos viajantes são as presenças dos escravos nas fazendas do Piauí como também a participação desses em suas viagens “como estivéssemos fracos demais para nos aguentar na sela, contratamos uns pretos escravos das fazendas vizinhas, para nos carregarem em redes suspensas em varas”⁶⁷. Martius revela a permanência desses na fazenda Escravos do Rei “Tem a fazenda escravos do rei, que apenas recebem roupa e carne, porque para as outras necessidades eles mesmo têm a oportunidade de cuidar pela lavoura e pecuária”⁶⁸. É nesse instante que percebemos como as relações escravistas são descritas pelos viajantes vistas como passivas. Segundo Araújo os viajantes não omitem a presença de escravos na fazenda Escravos do Rei, mas naturaliza, deixando transparecer uma situação confortável e justificável entre escravos e fazendeiros “O mito não esconde a escravidão, porém empobrece o seu sentido histórico. Retira do escravo toda uma violência cometida contra ele social e historicamente.”⁶⁹

Os viajantes dessa forma omitiram as formas de violências, excesso de mão-de-obra

⁶⁷ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 229, 1976.

⁶⁸ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 215, 1976.

⁶⁹ ARAÚJO, Charlene Veras. **CULTURA E PODER: O olhar dos viajantes europeus sobre o trabalho escravo no Piauí oitocentista**. Pró-Reitoria de pesquisa e Pós-graduação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, p. 08, 2014.

escrava ocorridos durante o período oitocentista. Além disso, não só a escravidão, mas omitiram também as formas de resistência presentes na época, pois “tantos Indígenas, como os negros reagiram sobre a raça predominante.”⁷⁰

Ainda que as formas de controle e a resistência dos escravizados sejam enfatizados e discutidas nos autores citados, apenas Lima (2005) dedica um capítulo às formas de resistência as fazendas da nação onde os castigos corporais e as denúncias aparecem restritos ao âmbito da administração das propriedades. O autor afirma que as tensões e conflitos estavam presentes no cotidiano escravista. Havia a dominação, a exploração, as ameaças e os castigos, por um lado rebeldia e negação da ordem, por outro. Nessa dinâmica, formava-se um quadro de rudez das relações sociais na economia pastoril do Piauí.⁷¹

Como vimos na citação anterior é evidente a violência, tensões e conflitos em relação ao escravismo. No entanto, ao mesmo tempo em que havia as violências contra os escravos, havia também resistência por parte desses contra o sistema, mas foi omitido pelos viajantes. “A História Natural produzida sobre o sertão do Piauí retirou do escravo sua Fala e Memória, fazendo deste, apenas um artefato misturado a toda imensidão dos pastos, rios, minerais e rochas. Sem linguagem eram estes escravos apenas natureza.”⁷²

Com a análise que nos debruçamos sobre a viagem do Spix e Martius pelo Piauí, analisando os aspectos naturais as quais o Martius observou e relatou como as plantas, rios e animais tivemos um panorama do que foi o Piauí nessa época sua paisagem, para além disso, nos foi permitido investigar que por meio da fauna muitos fazendeiros movimentavam a economia na época.

2.3 Análise sobre o Maranhão

Como já enfatizado anteriormente, a obra *Viagem pelo Brasil*, contém relatos de paisagens e espécies da fauna e flora brasileira como analisamos na província do Piauí. Mas existem descrições sobre o cotidiano da sociedade, dos grupos nativos e escravos. Na passagem por Caxias Martius descreveu a fisionomia de um grupo de indígenas que encontrou, esses por sua vez pertenciam a etnia Carauus “o seu aspecto era robustez e bem

⁷⁰ RODRIGUES, José Honório. Como se deve escrever a História do Brasil. *Revista de História de América*, nº 42, dez., p. 433-458, 1956.

⁷¹ SOARES, Débora Laianny; LIMA, Solimar Oliveira. Escravidão e violência: debates e tendências na historiografia piauiense. *Revista Eletrônica Informe Econômico*, p. 65, 2013.

⁷² ARAÚJO, Charlene Veras. **CULTURA E PODER:** O olhar dos viajantes europeus sobre o trabalho escravo no Piauí oitocentista. Pró-Reitoria de pesquisa e Pós-graduação, Universidade Federal do Piauí: Teresina, p. 13, 2014.

proporcionado, o porte e o andar tinham tanta segurança e agilidade, que nisso notamos surpreendente diferença de todas as outras tribos que havíamos até aqui encontrados⁷³. Logo em seguida o naturalista realiza uma descrição sobre o costume dos nativos, relataram um modo de dança dos nativos:

Quando, porém, a noite foram convidados a dançar à luz dos archotes, apareceu a maioria deles com pinturas pretas e vermelhas, no torso e no rosto, e suas feições desfiguradas pelo furor bacântico, ensombradas pelo comprido cabelo de um negro de corvo, tomavam então uma expressão selvagem e mesmo horrorosa. Um deles fez a chamada para a dança, tocando boré, grande trombeta de caniço, de um rouco; seguiu-se-lhe outro, dando urros monótonos, que afinal toda a horda repetiu num unísono espantoso, e que repercutiu terrivelmente nas ruas da pequena cidade silenciosa, afugentando das suas tocas, sitas nos telhados circunvizinhos, as horrendas contorções do rosto desse bandido desenfreado, e a celeuma de terrível desarmonia, acompanhada do estalido de seus maracás, tudo isso poderia figurar como uma cena do inferno⁷⁴.

Por meio do modelo de dança dos nativos identificamos uma visão eurocêntrica, um enxergar preconceituoso por parte dos viajantes em relação aos seus costumes, pois eles descrevem a dança dessa etnia como “expressão selvagem” e “horrorosa” “tudo isso poderia configurar como uma cena do inferno⁷⁵. Assim, para Martius ao descrever essa cena lança um olhar a partir de suas crenças e visão de mundo e os modos como ver o outro e seus costumes relacionando para algo estranho.

Tanto no Piauí como no Maranhão seus terrenos são revestidos por uma vegetação riquíssima Martius traz detalhes da vegetação dessa província por meio do seu percurso entre Caxias a Ilha do Maranhão pelo rio Itapicuru e durante o percurso vai observando e relatando as plantas. Observando o Atlas constatamos que a maioria da vegetação encontrada e relatada pelo naturalista nas margens do rio foi uma espécie de planta chamada palmeira encontrada também no Piauí da espécie carnaúba. No Maranhão Martius afirma a presença de palmeiras, quando relata que de Caxias até o rio Codó “abre-se a paisagem entre a vegetação das margens mais ou menos elevadas, em verdes campinas férteis, ora interrompidas por moitas baixas ou palmeiras indaiás, ora se dilatam livremente a leste e oeste⁷⁶”

⁷³ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 234, 1976.

⁷⁴ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 234-235, 1976.

⁷⁵ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 235, 1976.

⁷⁶ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 238, 1976.

A palmeira que compunha o cenário da província Maranhense não se constituía somente como uma planta sem importância da folha dela eram feitos cestos que ajudavam no carregamento do sal que era explorado nas vizinhanças da Vila de Alcântara “(...) separadas dele por estreitos diques, nas quais, durante os meses de junho e agosto, se deixa entrar água do mar, para que se evapore até ao mês de dezembro, deixando ficar uma crosta de sal. Raspa-se está e empacota-se, sem beneficiamento algum, em cestos de folhas de palmeira”⁷⁷. Dessa forma, percebemos que além de embelezar a paisagem maranhense a folha da palmeira era usada para criação de cestos que serviam para o armazenamento do sal.

Além de serem utilizadas na fabricação de produtos, as palmeiras, como algumas plantas observadas, serviam também para fins medicinais. Na obra *Systema de Materia Medica Vegetal* contém um catalogo e classificação das plantas extraídas e traduzidas das obras de Martius. Nela podemos perceber a descrição de uma palmeira:

O fructo de muitas palmeiras do Brasil abunda em azeite que se extrahe pela pressão. Pôde-se empregar puro, e tambem por meio da trituração se póde misturar com agua, formando uma emulsão amygdalina. Entre estas devem enumerar-se as seguintes: Bacaba, bacaba de azeite. (Oenocarpus bacaba) (do grego, que presta utilidade, útil.)

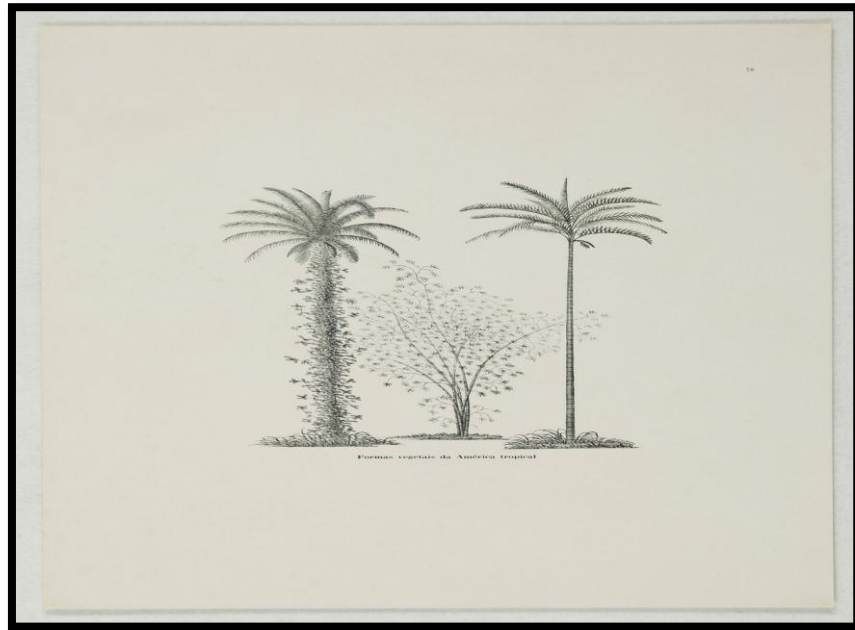
polpa do fructo é oleaginosa (productiva, geradora de azeite); o azeite que produz é doce. Coqueiro de dendê ou dentê (eloeis do grego, adubo, guineenses de Guiné do fructo desta palmeira se extrahe, por pressão e fervura um azeite, que tem várias propriedades medicinais.”⁷⁸

Na imagem 5, temos a representação de uma das espécies de palmeiras que embelezavam as paisagens maranhenses. A palmeira além de embelezar a vista do Maranhão com seus troncos altos e folhas grandes, obtinha outras funções para a sociedade daquela época, essa planta era usada tanto para fins medicinais, através do fruto que se extrai um azeite, onde tinha várias propriedades medicinais, como para a fabricação de objetos, os indivíduos usavam as folhas das palmeiras para a produção de cestos, onde nesses armazenavam o sal, como visto anteriormente.

⁷⁷ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 249, 1976.

⁷⁸ OLIVEIRA, Henrique Velloso. **Systema de Materia Medica Vegetal brasileira contendo o catalogo e classificação de todas as plantas brasileiras conhecidas**. Publicado e a venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert, Rio Janeiro, p. 63, 1854.

Imagem 5: Formas vegetais da América tropical



Spix, Johann Baptist von; BALDUS, Herbert. **Viagem pelo Brasil von Spix e von Martius 1817**. São Paulo, 1940. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7757>

2.4 Análise sobre o Pará

Depois de nos atentarmos para a província do Maranhão passaremos agora para a província do Pará. Já passado um tempo nas terras maranhenses os viajantes e sua tropa viajam rumo a Santa Maria de Belém, capital da província do Grão-Pará, onde finalizam a viagem em 13 de junho de 1820. A imagem abaixo é uma representação da cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará.

Como foi percebido até aqui, o viajante Martius descreve sua trajetória do Piauí para o Maranhão descrevendo sua paisagem. O mesmo faz em relação a São Luís - Maranhão para o Pará. Segundo o relato em Viagem pelo Brasil o trajeto para o Pará foi realizado de navio, onde foi levado um práctico a bordo, na qual os guiavam. E ao perpassar pelos caminhos o viajante realiza descrições de tudo que se via, ao dizer que passa pela Ilha de São João, o naturalista a descreve a ilha: “Esta ilha, de três léguas e meia de comprimento, muito baixa e de vegetação cerrada, não é habitada, embora disponha de água doce, e na parte norte e

nordeste ofereça alguns seguros ancoradouros para embarcações pequenas.”⁷⁹. Ao passar pela ilha de Marajó também a descreve “ostentava-se cerrada alta, verde, pujante, a mata em volta, solene e tranqüila, como se acabasse justamente de surgir das águas criadoras”⁸⁰

Ao movimentar-se pela baía de Turiaçu, o próprio opera outro levantamento da paisagem “A baía de Turiaçu tem considerável extensão; as extremidades de suas margens baixas, cobertas de selvas, perdem-se no horizonte para o navegante que, por causa dos bancos de areias, se afasta, mar afora”⁸¹. E por volta do meio dia no dia 25 de julho chegam à cidade do Pará “[...] e, logo depois, apareceu a cidade do Pará, com o seu casario asseado, a catedral e o palácio, por entre o verde-escuro dos cacauzeiros e a orla de resplandecente verde de numerosas ilhas”⁸².

Imagem 6: Santa Maria do Belém do Grão Pará



Spix, Johann Baptist von; BALDUS, Herbert. **Viagem pelo Brasil von Spix e von Martius 1817**. São Paulo, 1940. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7757>

⁷⁹ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 265, 1976.

⁸⁰ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 266, 1976.

⁸¹ SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 265, 1976.

⁸² SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, p. 266, 1976.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi visto durante a pesquisa o contexto histórico dos viajantes naturalista Spix e Martius, onde percebemos que com a abertura dos portos houve uma grande entrada de viajantes no Brasil. Em uma dessas viagens estavam os naturalistas Spix e Martius. Os mesmos tinham o intuito de percorrer o Brasil e anotar sobre a fauna e flora, o resultado dessa viagem foi o atlas Viagem pelo Brasil. Dessa maneira, no trabalho busquei realizar uma análise crítica sobre esse Atlas de viagem analisando sua passagem pelo território brasileiro no início do século XIX. A pesquisa pôs em evidência a utilidade de um atlas de viagem para a construção do conhecimento histórico, com ele percebemos a visão dos viajantes Spix e Martius sobre a fauna, flora e sobre a sociedade oitocentista. Analisando, por exemplo, o relato do Martius sobre o modo de dança dos nativos no Maranhão identificamos uma visão preconceituosa.

Ainda foi visto o percurso desses viajantes nos estados do Piauí, Maranhão e Pará, observamos cada fazenda e vila onde os alemães passaram como também suas anotações no que se refere a paisagem e a sociedade. Ainda fizemos uma abordagem da História Ambiental, visto que, foi por meio desse campo historiográfico que a pesquisa se desdobrou, foi visto seus principais meios metodológicos e sua variedade de fontes, censo populacionais, leis, imprensa, inventários de recursos naturais, crônicas, fontes tradicionais da história econômica e social e relatos de viajantes e principalmente a fonte usada na presente pesquisa. Outra leitura pertinente perpassa por um diálogo entre especialistas que fazem o uso desse campo em suas pesquisas historiográficas.

O estudo sobre a História Ambiental desde a sua originalidade está em “colocar a sociedade na natureza” e no equilíbrio com que busca a interação, a influência mútua entre sociedade e natureza”⁸³ onde ainda procura repensar a interação entre sistemas sociais e naturais. Desse modo, com base no viés ambientalista busquei compreender a sociedade oitocentista, principalmente aos estados analisados, por meio da interação dos viajantes frente aos aspectos naturais do Piauí, Maranhão e Pará. Assim entendemos, por exemplo, a formação das cidades, costumes, alimentação e o conhecimento sobre a flora, a partir do diálogo dos viajantes naturalistas face as questões naturais.

⁸³DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos históricos*: Rio de Janeiro, pág. 8, 1991

FONTE:

SPIX E MARTIUS. **Viagem pelo Brasil, 1817-1820**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Volume II, 1976.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, Anderson Pereira. *A iconografia dos viajantes oitocentistas: Um estudo comparativo das imagens realizadas no Brasil do século XIX*. Monografia: Museu da Vida|Casa de Oswaldo Cruz|Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

ARAÚJO, Charlene Veras. **CULTURA E PODER: O olhar dos viajantes europeus sobre o trabalho escravo no Piauí oitocentista**. Pró-Reitoria de pesquisa e Pós-graduação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

ARAÚJO, Lucas, PACHECO Agenor. A fauna Marajoara em narrativas de viajantes do século XIX. *Iluminuras*: Porto Alegre, v.17, n° 42, p. 248-269, ago/dez, 2016.

BURKE, Peter. O testemunho das imagens. In: **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

COELHO, Mário César. Artistas viajantes e acadêmicos. *Revista Esboços*: Santa Catarina, v. 11, n. 12, 2004.

CORDIOVILA, Alfredo. Spix e Martius: dois naturalistas na Baía. *Signótipo*, v. 9, jan/dez, p. 11-19, 1997.

CORRÊA, Margarida Maria da Silva. **Da construção do olhar europeu sobre o novo mundo ao (Re) Descobrimento do reino tropical**. Dissertação de Mestrado, Goiás, 1997.

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos históricos*: Rio de Janeiro, p. 177-197, 1991.

DUARTE, Regina Horta. “Com açúcar, com afeto”: impressões do Brasil em Nordeste de Gilberto Freyre. *Tempo*: Rio de Janeiro, n° 19, p. 125-174, 2004.

FEBVRE, Lucien. **O Reno: história, mitos e realidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FERRI, Gil Karlos. História Ambiental: historiografia comprometida com a vida. *Revista Café História*, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. São Paulo: global, 2013.

- GANDARA, Gercinair Silvério. Rio Parnaíba...Um cadinho de mim e a história ambiental. *Textos de História*, v. 17, n° 1, p. 39-58, 2009.
- GODOY, Vanessa Ferraz; SILVA, Alessandra Ferraz Godoy da; MENEZES, Paulo Márcio Leal de. **Cartografia Histórica e navegação virtual do centro do Rio de Janeiro**. 1° Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, Rio de Janeiro, 2011.
- JÚNIOR, Heitor de Assis Júnior. **Relações de Von Martius com imagens naturalísticas e artísticas do séc. XIX**. Dissertação de Mestrado, Campinas, São Paulo, 2004.
- KEILH, Thomas. **O homem e o mundo natural**. Companhia de Letras, São Paulo, 1988.
- LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. **Os viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)**. Dissertação de mestrado, Faculdade de História, Direito e Serviço Social UNESP, 2010.
- LISBOA, Karen Macknow. Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: Quadros da Natureza e esboços de uma civilização. *Revista Brasileira de História*: São Paulo, V. 15, n.29, p. 73-91, 1995.
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. *Revista USP*, São Paulo, n.30, p. 144-155, 1996.
- MONTEIRO, José Rodolfo. O atlas de viagem de Spix e Martius. *Anais do XXVI simpósio de História ANPUH*: São Paulo, julho, 2011.
- OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros Oliveira. **Povos indígenas do sudeste do Piauí: conflitos e resistência nos séculos XVIII e XIX**. ANPUH-Associação Nacional de História/Núcleo Regional de Pernambuco, Recife UFPE, 2004.
- OLIVEIRA, Flávia Preto de Godoy. **Natureza Peregrina: a fauna e a flora das Índias Ocidentais nas crônicas oficiais hispânicas (1570-1620)**. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- OLIVEIRA, Henrique Velloso. **Systema de Materia Medica Vegetal brasileira contendo o catalogo e classificação de todas as plantas brasileiras conhecidas**. Publicado e a venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert: Rio Janeiro, 1854.
- PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos Avançados, São Paulo, 2010.
- PARANHOS, Paulo. A Transferência da corte portuguesa: o Brasil se moderniza. *Revista da ASBRAP*, n°8, p. 85-95, São Paulo, 2001.
- PRADO, João Francisco de Almeida. **Thomas Ender: pintor austríaco na corte de dom João VI no Rio de Janeiro – um episódio da formação da classe dirigente brasileira, 1817/1818**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

RODRIGUES, José Honório. Como se deve escrever a História do Brasil. *Revista de História de América*, nº42, dez, p 433-458, 1956.

SALLAS, Ana luisa Fayet. Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*: Rio de Janeiro, v.17, n.2, abr.-jun. p. 415-435, 2010.

SANTOS, Raimundo Lima. As percepções de Spix e Martius sobre a paisagem Maranhense. *Revista Tempos Históricos*, v. 19, nº 1, p. 138- 152, 2015.

SILVA, Mairton Celestino da. **Um caminho para o Estado do Brasil**: colonos, missionários, escravos e índios no tempo das conquistas do Estado do Maranhão e Piauí, 1600-1800. Tese – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2016.

SOARES, Débora Laianny; LIMA, Solimar Oliveira. Escravidão e violência: debates e tendências na historiografia piauiense. *Revista eletrônica Informe econômico*, v.1, nº. 1, 2013.

WORSTER, Donald. Para fazer uma História Ambiental. *Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(x) Monografia
() Artigo

Eu **Thalia Maria do Nascimento Carvalho** autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **O percurso dos viajantes naturalistas Spix e Martius: Uma História Ambiental do Piauí, Maranhão e Pará em meados de 1817 a 1820**, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI __07__de __julho de __2020__

Thalia Maria do Nascimento Carvalho

Assinatura